



Organización:
 Marcos Gehrke
 Thalitta Corrêa Volupca
 Eduardo Maciel Ferreira

HISTÓRIAS FAXINALENSES



CUADERNO DE EDUCACIÓN DEL CAMPO - VOLUMEN 3

verso

CADERNO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - VOLUME 3



HISTÓRIAS FAXINALENSES

Organizadores:
 Marcos Gehrke
 Thalitta Corrêa Volupca
 Eduardo Maciel Ferreira



CADERNO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - VOLUME 3

HISTÓRIAS FAXINALENSES

**UNICENTRO/GUARAPUAVA
2018**

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva CRB 1544-9

H673 Histórias faxinalenses / Organizado por Marcos Gehrke, Thalitta
Corrêa Volupca, Eduardo Maciel Ferreira.– Guarapuava:
[s. n.], 2018. (Caderno de Educação do Campo, 3).
87 p.

Bibliografia
ISSN 2527 0788

1. Educação do Campo. 2. Histórias Faxinalenses. 3.
Vandresen, José Carlos. 4. Warmuth, Déris. 5. Ferreira, Eduardo
Maciel. Bahls, Taciana. I. Título.

CDD 20. ed. 981.62

Organização

Marcos Gehrke
Thalitta Corrêa Volupca
Eduardo Maciel Ferreira

Corpo Editorial

Marlene Lucia Siebert Sapelli
Marcos Gehrke
Ademir Nunes Gonçalves
Valdirene Manduca de Moraes

Tradução

Déris Warmuth
Taciana Bahls
Eduardo Maciel Ferreira

Capa

Eduardo Maciel Ferreira
Sofia Prado

Autores

Charles Vieira
Débora Duarte
Denise Terres Moreira
Elida Aparecida Bortoluzzi
Eduardo Maciel Ferreira
Jaqueline Boeno D`Avila
Mirian Maria Kunrath
Renan W. R. de Lima
Silvana Gomes Lima
Soniamar Lara de Lima
Zélia S. Gavlik

Periodicidade

Anual

Imagem da capa disponível sob licença *Creative Commons* 3.0, disponível em:
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3AArauc%C3%A1rias_e_o_por_de_sol..._-_panoramio.jpg>

Os textos aqui apresentados são de autorização e responsabilidade dos respectivos autores.

SUMÁRIO

Apresentação	página 07
<hr/>	
Prefácio (José Carlos Vandresen)	página 09
<hr/>	
Relíquias da Morte (Charles Vieira)	página 13
<hr/>	
Premissas de um sonho (Débora Duarte)	página 17
<hr/>	
Lutas travadas pela vida (Denise Terres Moreira)	página 19
<hr/>	
O mistério do “quarto quatro” (Elida Aparecida Bortoluzzi)	página 23
<hr/>	
Liberdade Faxinalense (Eduardo Maciel Ferreira)	página 25
<hr/>	
O pé de erva-mate (Jaqueline Boeno D`Avila)	página 27
<hr/>	
Vida nos faxinais (Mirian Maria Kunrath)	página 31
<hr/>	
Um tiro, um grito, um susto... (Renan W. R. de Lima)	página 35
<hr/>	
Sonho bobo (Silvana Gomes Lima)	página 39
<hr/>	
Pela liberdade dos faxinalenses (Soniamar Lara de Lima)	página 41
<hr/>	
A árvore da morte (Zélia S. Gavlik)	página 43
<hr/>	

Apresentação

O Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, por meio da Coordenação da Educação do Campo e do Grupo de Pesquisa Campo, Movimentos Sociais e Educação do Campo (MovEcampo), apresenta a você, leitor, o Caderno Pedagógico III “Histórias Faxinalenses”, que reúne a produção literária desenvolvida em nossos trabalhos de ensino, pesquisa e extensão no contexto do campo, da educação do campo e dos movimentos sociais.

A produção objetiva **contribuir** com a composição do acervo das bibliotecas escolares do campo superando a ideia que escrever literatura, seja trabalho apenas de ‘escritores’, mas também de ‘pessoas que escrevem – escrevedores. A mesma se fez e fará o exercício de **formar** educadores e educadoras que escrevam e, coloquem seu escrito em movimento. Mesmo parecendo estranho esse objetivo, ele precisa ser afirmado e perseguido para que o quadro do analfabetismo funcional entre educadores seja enfrentado.

Escrever e publicar com camponeses e camponesas, trabalhadores e trabalhadoras do campo, sua diversidade de modos de vida, cultura e luta foi o propósito do trabalho. Por fim, não menos importante, outro propósito foi **criar** ou **desenvolver** a cultura escrita no campo, para, nas bibliotecas escolares, públicas, universitárias e outras, possa ser lida criticamente e gerar novas escritas.

Nesta obra em especial apresentamos o **Faxinal** como um dos modos de vida no campo paranaense e os **faxinalenses**, muitas vezes invisibilizados, mas que existem, resistem e lutam no campo. As Histórias Faxinalenses, com marcas de conto, caso, passou a ser o gênero discursivo escolhido pelas pessoas que escreveram, para contar a você, um pouco, sobre este modo de vida.

Este volume é resultado da parceria entre os Departamentos de Pedagogia e Letras, que no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, turma Campo em Movimento desenvolveram ações combinadas; estudos teóricos na disciplina de Literatura Brasileira I; visita ao Faxinal dos Ribeiros, no Município de Pinhão - Paraná; produção escrita das histórias como forma de sistematizar e devolver para esta comunidade o conhecimento aprendido, em forma de livro.

Está em suas mãos para ser lido. Boa leitura.

Prefácio

Faxinal, criador comunitário, criador comum, potreiro e mangueirão. Algumas das formas que identificam as práticas comunitárias de vida em muitas comunidades do campo presentes no Paraná, norte de Santa Catarina e Sul de São Paulo.

O roçado, a manutenção das cercas de varejão, as lavouras, o extrativismo da erva mate e do pinhão são algumas das atividades vivas na cultura faxinalense dos "puxirões", que mobilizam a vizinhança para o trabalho, a organização comunitária, as rezas e festas movidas pela grande devoção no santo popular, São João Maria.

A primeira curiosidade e preocupação quando nos é falado do faxinal, é saber o que é. O porquê do Faxinal.

De um ponto de vista, é comum escutar dos moradores que faxinal é uma tradição, costume que tem origem nos avós, bisavós e tataravós. Uma forma de viver no campo, "vem lá dos antigos". Um hábito de criar animais soltos, fazer a horta ao redor da casa e a lavoura em locais separados, fora do alcance dos animais.

Outros olharam para o faxinal como um lugar, uma paisagem e a dinâmica de produção. Como um sistema produtivo, o "Sistema Faxinal" (CHANG, 1985), buscando de onde se construiu essa forma produtiva e tentando prever, por análises de suas relações sociais, ambientais e econômicas, o tempo para seu desaparecimento.

Importante destacar que o fato de construir o conhecimento é extremamente importante para as dinâmicas dos povos faxinalenses, para afirmação de sua existência e reconhecimento social.

Esse conhecimento precisa ser construído como forma de valorizar essa forma de vida no campo. Um conhecimento construído com os faxinalenses, não para os faxinalenses.

Talvez neste método encontrássemos a desculpa utilizada por muitos em discutir somente o faxinal a partir do lugar, da paisagem, do sistema faxinal, pois neles dificilmente os sujeitos são parte, ficando fácil premunir o fim destas comunidades, sua contaminação, o impacto ambiental causado por sua forma de ser.

Mas, para compreender as dinâmicas destas comunidades de faxinais é preciso estar aberto para escutar, não tentar reproduzir modelos. Escutar... compreender localmente as relações construídas, as culturas praticadas, as rezas e festas celebradas, as dores sofridas, os dias de trabalho trocados, os "puxirões" e "mutirões" realizados. Assim, saber do faxinal, pelos próprios faxinalenses!

Ao escrever este prefácio muitas vezes não contive a emoção, lembrando dos momentos que estive junto com a turma de Licenciatura em Educação do Campo da Unicentro. Mas, a emoção foi de muita

alegria em participar dessa aula de campo no Faxinal Bom Retiro-Pinhão-Paraná.

Tenho a certeza que estes contos são a materialidade da atenção, alegria, emoção e compromisso desprendido por cada educando e educadores aos homens, mulheres e crianças faxinalenses. De forma especial a família que recebeu a turma, expôs sua vida, sua experiência, sua relação com o ambiente, seu conhecimento tradicional, suas fragilidades, seus conflitos e principalmente a forma simples e alegre de uma família que vive no Faxinal Bom Retiro, distante 40 quilômetros da sede urbana do município de Pinhão, região centro-oeste do Paraná.

“Não troco o faxinal nem por dinheiro, muito menos por outro lugar no mundo”, é a fala de uma, entre muitas outras famílias, que seu projeto de vida está no campo.

Portanto, a “cultura faxinalense” está viva, porém não é única. Em cada lugar, município e comunidade ela se diferencia nos cultivos, na organização, na produção, na reza, nos acordos comunitários, na relação com os governos, etc.

Para muitos é uma cultura despercebida, por outros ignorada, menosprezada, até mesmo criminalizada e ainda taxada de atrasada.

Muitas vezes perguntados sobre o que une as comunidades faxinalenses do Paraná, suas lideranças não refutam em dizer, “os conflitos”, que são praticamente os mesmo em todas as comunidades.

Talvez, o “uso comum da terra” não seja mais uma premissa única para identificação do faxinal ou da cultura de um povo faxinalense, que também pode ser percebida na forma de criação dos animais, quando criados a solta em poteiros e mangueirões, nos criadouros abertos ou cercados (SOUZA, 2009) e na integração do criador com as áreas de lavoura.

Essa compreensão nos exige um exercício muitas vezes difícil de fazer; trocar as lentes que usamos para enxergar determinadas situações. Neste caso, com as comunidades de povos de faxinais podemos enxergar diferentes formas de representação social e econômica, no entanto, precisamos ter diferentes lentes para ver.

Se estivermos usando lentes que somente mostre o faxinal como espaço de produção, vamos encontrar algumas poucas comunidades, que mesmo estruturadas têm dificuldades de buscar saídas para sua manutenção enquanto comunidade, devido o avanço do mercado de terras e produtos sob a comunidade de faxinal.

Trocando estas lentes, podemos ver o faxinal a partir dos sujeitos faxinalenses. Pela qual vemos uma cultura centenária, transmitida de geração em geração, resistente aos modelos produtivos altamente tecnificados, mas que se tem transformado como forma de manutenção social, cultural, econômica e ambiental da comunidade.

Com estas lentes podemos ver as manifestações, mesmo que pequenas, de uma cultura presente na forma de ser e fazer dos sujeitos, os faxinalenses, também suas necessidades e conflitos.

O faxinal como forma de vida traz traços culturais de centenas de anos, é parte do contexto histórico de vida no campo no Paraná.

São povos que estavam no caminho dos “colonizadores”, momento em que foram abertas as picadas e estradas pelo Paraná. Tempo de grande extração da erva mate e da instalação das fazendas de gado na região dos Campos Gerais, de Guarapuava e de Palmas.

Período que muitos povos nativos das nações kaingang, guarani, xoklêns e xetás, foram utilizados como mão de obra escrava. Mas, que na mata adensada encontravam condição de se refugiar, viver e construir suas comunidades.

Talvez não possamos enumerar as vezes que estes povos repetiram o ato de buscar locais em que as matas eram mais adensadas com o objetivo de defender suas comunidades. Quanto mais os caminhos eram abertos, quanto mais a natureza era roubada, mais negros e índios encontravam nas matas adensadas local para se afugentar do peso da escravidão.

Assim, a mistura de povos e a necessidade de sobrevivência agregada a prática do pastoreio de rebanhos feito nos “campos” foram formando os povos que a alguns anos assumem a cultura “faxinalense”.

Algumas regiões presenciaram uma adaptação dos povos colonizadores a cultura nativa, fazendo a faxina sob as matas para a criação de animais, como forma de sobrevivência. Identificando em grupos étnicos e culturais, desde indígenas e quilombolas a ucranianos e poloneses as formas de viver do “faxinal”.

Mas, a identidade coletiva de faxinalenses se fortaleceu quando seus próprios sujeitos, aproximando suas realidades, conflitos e desafios se organizaram na Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses – APF, em agosto de 2005.

A autodefinição por eles acessada foi organizando pautas, elaborando dossiês, denúncias, estudos, cartografias e mapeamentos sociais que identificaram pelo menos 227 faxinais no Paraná, dos quais mais de 30 tem o reconhecimento estadual como Áreas Especiais de Uso Regulamentado – ARESUR e 3 estão em processo de criação de Reservas de Desenvolvimento Sustentável – RDS no Instituto Chico Mendes.

Conquistaram o reconhecimento por meio da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais – CNPCT, na qual tem uma representação; elaboraram, discutiram, defenderam na Assembléia Legislativa do Paraná e em diversas Câmaras de Vereadores as leis municipais de reconhecimento social. Portanto, são sujeitos do campo e da educação do campo.

Acredito que os atores da educação do campo precisam conhecer os diversos sujeitos sociais que compõem a história de lutas no campo do Paraná e na região centro-oeste onde está este curso de Licenciatura em Educação do Campo, pela Universidade Estadual do Centro Oeste.

Evidentemente que este cenário do campo não está nos cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, estão sim na capacidade pessoal de buscar, conhecer e compreender essas relações sociais.

Aposto muito que todo o sujeito do campo que está na universidade precisa escrever, estudar e compartilhar o conhecimento de sua comunidade, movimento, organização. Se não o fizer, ninguém o fará.

Boa Leitura a todos e todas.

Na luta pela Terra, nascemos Faxinalenses!
Nascemos Faxinalenses, na luta pela Terra!

Francisco Beltrão, 21 de maio de 2013.

José Carlos Vandresen

Relíquias da Morte

Charles Vieira

Naquele tempo eu estudava em Guarapuava, fazia um curso de nível superior e não acreditava muito em feitiçaria.

Em uma manhã de sexta-feira realizemos um passeio no "Faxinal do Sossego" e juntamente conosco foi uma figura de aproximadamente um metro e sessenta, ser de uma sabedoria só. Algo parecia anormal em sua maneira de ser, um olhar fixo, seus movimentos ligeiros e sua maneira de observar um tanto quanto assombrosa. Figura de uma postura elegante e retentora de mistérios.

Com o calor da manhã de verão aquecida pelo sol de janeiro e após uma longa caminhada a figura se encontra na situação de tirar seu casaco, o qual cobria seus ombros. Estes ao serem despidos revelam uma marca, talvez uma tatuagem um tanto quanto misteriosa.

De repente um vento frio circulou no ambiente, alguns olhares se cruzaram e um instante de silêncio se passou naquele espaço. Até parecia que havia a presença de forças sobre naturais, pois vinha o som de uma música de dentro da mochila do "Zé do Campo".

O que se passa? Pensam os acadêmicos escutando a melodia.

"Zé do Campo" abre a mochila e curiosamente retira das entranhas da mesma um notebook que inexplicavelmente havia ligado sozinho.

"Zé do Campo" relaciona a situação ocorrida com o mistério cravejado no lado direito das costas, na altura dos pulmões da mestra "Sintaxe da Gramática".

"Campesino", menino observador cochichou com "Zé do Campo":

- Isso é coisa do "Cramunhão", pois a imagem que esta exposta nas costas da professora parece ser um sinal de pacto com ele.

"Zé do Campo" arregalou os olhos e ficou atento a todos os movimentos da julgada "possuída" pelo poder do "Coisa Ruim".

Não se passou muito, evidenciou-se uma situação comprobatória de que havia ali um mistério, pois "Agroecologia", menina pura, sábia, de raciocínio rápido e de clara e esperta comunicação, manifestou-se dizendo:

- Professora, não estou conseguindo acompanhar a caminhada, estou cansada, você poderia me esperar?

Num gesto repentino, de uma destreza sem igual à “possuída do saber científico” dirigiu-se a “Agroecologia” dizendo:

- Espero, espero o tempo que for preciso para tê-la ao meu lado.

Mas que rápido, o observador e defensor da integridade do bem comunicou via mensagem de texto por meio do aparelho celular o risco que “Agroecologia” estava a correr, pois percebera que o diálogo estabelecido não era entre “Sintaxe da Gramática e a “Agroecologia”, e sim o “Cramunhão” revestido e aproveitador da matéria humana para buscar uma alma pura.

Os boatos foram espalhando-se e a curiosidade aos poucos foi tomando conta das mentes férteis e enfeitiçadas pelo pacto da “Sintaxe da Gramática” com o “Demo”. Isso se fez necessário um momento de pesquisa nas redes sociais para saber o significado daquela tão estranha figura tatuada em direção aos pulmões da professora. Assim sendo, conclusões seriam tiradas a partir do conhecimento do significado da imagem curiosa.

Muitos se perguntavam, será que ela é maçônica? Será que ela vendeu os pulmões ao “Chifrudão”? Será que o “Diabo” esta usando ela pra levar alguém de nós? Isso estava atormentando muitas pessoas, a mim não, pois eu não acreditava em feitiçaria.

“Camponesa”, menina curiosa, medrosa, sonâmbula e religiosa acatou a tarefa e apelando ao “Santo Google” descobriu o nome e o significado da imagem misteriosa.

- Relíquias da Morte, é isso mesmo, Relíquias da Morte tem haver com sagas e séries de um menino bruxo..... Disse “Camponesa”, arregalando os olhos.

“Campesino”, aproveitou-se do sentimento de medo de “Camponesa” e usando da tecnologia enviou uma bela, porém assustadora fotografia do Sebastião Salgado, via “Bluetooth” a qual mostrava uma menina de olhos grandes e observador, para alimentar ainda mais a sensação de medo da pobre curiosa e assustada “Camponesa”.

- Olhe, olhe só a maneira como essa menina esta olhando para você. Disse “Campesino” notificando “Camponesa” por mensagem de texto.

- Não sei se esta menina não esta possuída pelo “Cramunhão”, pois você esta escarafunchando na internet a parceria dele com a

professora, o mesmo pode muito bem ficar zangado com isso e se materializar nessa fotografia. Afirmou o sapeca “Campesino”.

“Camponesa” tratou de ir encerrando sua pesquisa e ficou a observar a menina da fotografia e se deu conta que muitas outras inferências poderiam ser criadas a partir da pesquisa, será que mestre “Sintaxe” é bruxa? Será que ela é fã do menino que realiza bruxaria? Será que bruxas existem? Será a mesma imagem encontrada?

Dúvidas estas que precisariam de um estudo mais aprofundado, pois mesmo com a pesquisa da “Camponesa” o mistério não havia sido esclarecido, ao contrário, mais pessoas se interessavam em saber o que era tal marca, porém ninguém se encorajava a perguntar a mestre “Sintaxe da Gramática” o motivo pela qual aquela figura fazia parte de si. Pois entendiam que poderia ser uma afronta ao “Pé Rachado”, e se este se zangasse poderia levar a alma de um curioso para o inferno, muitos lembravam-se da máxima: “A curiosidade matou um gato”, então é melhor não arriscar.

Com a curiosidade corroendo algumas mentes e num momento oportuno, acreditando ter o “corpo fechado” indaguei a pequena grande mestra naquele dia de belas, tristes e horripilantes histórias relatadas no “Faxinal do Sossego”:

- Sintaxe da Gramática, desculpe-me a curiosidade, mas o que significa a tatuagem em suas costas?

Um silêncio se fez presente e pude observar que, respirações se prenderam, olhos se arregalaram e corações aceleraram-se na espera da resposta.

- Relíquias da Morte, este é o nome “Zé do Mato”, desta tatuagem que mandei fazer, tem haver com as sagas do Harry Potter.

Os acadêmicos se olharam, alguns deram um sorrisinho disfarçado e não se encorajaram em fazer mais questionamentos. Um a um foram retirando-se do círculo e adentrando no ônibus, pois a visita faxinalense tivera chegado ao fim.

Premissas de um Sonho

Débora Duarte

Uma manhã de sol Lara decidiu visitar um lugar chamado Faxinal localizada no Pinhão nas extremidades do norte, longe para ver a estrada que não terminava mais e suas amigas que lhe acompanhavam já estavam cansadas de ver as rochas da floresta que lhe cobria toda paisagem.

Durante a viagem o coração de Lara começou disparar pelos trêmulos ruídos que ouvia na beira do caminho e foram horas de viagem entre florestas. Seu corpo começou a tremer como uma vara ao se aproximar do lugar por ter ouvido histórias uma noite anterior e deparando-se com a ansiedade que o aguardavam como pino imenso no céu calado.

Ao lindo clarão do céu azul ao chegar no lugar Lara admirada começou a olhar tudo muito cuidadosamente, mais pelo encantamento do lugar que parecia ser cercado pela negra floresta exótica e de repente, surgiu estranho pinhão na beira do caminho que aos poucos foram se aproximando pareciam ter aparências estranhas um brilho luxuoso com formato pequenos, em cada passo que Lara dava-lhe os brilhos pequenos o seguia.

Assustada com o pinhão Lara aproximasse de suas amigas é surpreende a todos com uma franzina feição pálida, mas logo se familiarizaram ao ouvirem o som das negras árvores que se embalavam no soprar do vento, depois de muita conversa e curiosidades, descem em outra casa que já fazia muito tempo que não era visitada, no momento de entrar na porta da casa não percebeu que havia duas alas para lugares diferentes, mas com a pressa de conhecer acabou pisando em uma das alas e caiu num vale claro com esculturas de animais estranhos nas paredes que parecia não ter mais fim, preocupado em ficar presa começo a caminhar a longos passos na velocidade do vento fresco da escuridão.

Intimidada, precipitou-se até a primeira entrada do vale ansiosamente ouviu ruídos súbitos que quanto mais silenciosos eram seus passos ouvia-se mais sons. Aos poucos foi acostumando com os paredões de matas e animais pintados que imitavam movimentos lentos e bruscos,

que o acompanhava pelo vale. Mas percebeu que o pinhão brilhante luxuoso lhe acompanhava.

Depois de tanto andar encontra uma velha caverna aos fundos como um velho armário escorregadio com poucos pingos de água que parecia um som melancólico, mas pertinente aos ouvidos, motivo que levou a conhecer melhor para explorar o novo ambiente, na qual caíra sem saber aonde sair, então caminhou por alguns minutos na caverna escura adentro até que encontrara uma diversidade de animais, plantas e reservas livres, foi um susto árduo, o coração disparou como um alto timbre, porém ela não conhecia a liberdade, pois vivia presa em seu trabalho e com suas amigas, sentiu ar de liberdade e a proveito som das águas e da mata para viajar no seu sonho que lhe acompanhava durante toda a viagem.

Lara acordou de seu sonho e observou que estavam chegando ao Faxinal, um lugar lindo para viver. Desceu do ônibus e logo foi atacada por lindas borboletas que sobrevoavam a mata florescente e sol ardido que brilhava.

Lutas Travadas pela Vida

Denise Terres Moreira

Ao entardecer de um dia chuvoso, estavam em seu quarto as irmãs Isa e Any, inquietas pela notícia de uma viagem com a turma do 5º ano de sua escola.

A professora Estela não havia dado detalhes sobre o que veriam, apenas que iriam conhecer um faxinal. Ansiosas para que a noite passasse rápido e logo amanhecesse o dia, foram dormir cedo. Porém a noite foi longa e angustiante, pois sonhos horríveis aterrorizavam a mente das pequeninas na qual o medo e o desespero aos poucos foram tomando conta. Medo e temor pelo que encontrariam e como seria. E aí começaram a imaginar um lugar de mata fechada, cheio de animais selvagens, lugar obscuro e cheio de perigos. As meninas ainda muito nervosas, com o corpo trêmulo e as mãos suando frio, foram até a escola e juntamente com seus colegas embarcaram no ônibus que as levaria para o temido faxinal. O dia estava nublado, frio, e a viagem era muito longa, a cada encruzilhada sentiam uma sensação de medo e tensão, as estradas eram de chão e intermináveis.

Durante todo o percurso as duas dividiam seus medos, temores e sonhos assustadores, sentiam calafrios e arrepios invadirem seu corpo. Após viajarem cerca de 100 km, de estradas esburacadas e tenebrosas, chegaram ao tão esperado destino que era conhecer um Faxinal.

Com o passar do tempo, foram conhecendo os moradores do local, sentiram uma vontade enorme de fugir daquele lugar, sair correndo e voltar para a casa. Todo este pavor tinha um motivo, aquele lugar era conhecido por ter sido palco de grandes lutas sangrentas e covardes por disputa de terras. As histórias contadas pelo morador Alfeu deixou a todos apreensivos, e elas começavam a imaginar que podiam ainda existir naquele lugar os fantasmas das pessoas mortas injustamente clamando por justiça.

Então a professora coordena uma caminhada para conhecer o local e apesar do medo todos concordaram em seguir adiante. Quando estavam adentrando uma mata fechada o coração das meninas dispara, elas começavam a ouvir ruídos, o vento aumentava fazendo um barulho que deixou a todos apavorados. Então a professora também

começava a ficar apavorada e a temer pela classe, ela havia sido avisada que a área estava segura, mesmo assim o medo tomava conta.

Então surgiram do meio da mata, vários jagunços que renderam a todos e os amarraram nos troncos das arvores, sem falar uma palavra o que os deixavam mais horripilantes.

E ali se passaram 4, 5 horas todos amarrados, sentiam fome, sede, frio e muito medo, pois aquele lugar era aterrorizante, não passava uma alma viva para salva-los e o medo de serem mortos e nunca mais voltarem para suas casas fazia com que todos entrassem em desespero e comesçassem a gritar e a chorar clamando a Deus piedade.

De repente ouviram um barulho, ruídos na beira da estrada, pensaram meu Deus nos proteja, vieram nos matar ou são animais ferozes que vieram nos devorar. Eram os jagunços que surgiram para levá-los para um cativeiro, quando estavam prontos para serem levados, todos amarrados em fila, surgiu da mata alguns homens armados de foices e facões, eram os homens do faxinal que novamente travariam uma batalha para salvar aqueles seres inocentes.

Uma luta muito arriscada e que colocava todos em perigo mais que era necessária para salvá-los, então os alunos e a professora tentavam se desamarrar, enquanto corpos feridos caíam pelo chão. Como que por milagre eles conseguiram se soltar e sem que os jagunços os vissem saíram do local, e conseguiram chegar até o ônibus e voltar para a escola, deixando para trás aquele lugar terrível.

Chegando em casa, seguras mais ainda amedrontadas as irmãs não conseguiam ainda acreditar em tudo o que haviam visto. De repente receberam uma ligação onde tomaram conhecimento que quase todos os homens que lutaram para salvar suas vidas haviam morrido e que a comunidade do faxinal, outra vez foi palco de uma luta cruel onde inúmeros inocentes morreram. Como resultado de toda batalha, muitos mortos e feridos, os últimos habitantes foram embora daquele local com medo de novas tragédias acontecerem, e a comunidade do faxinal ficou deserta, coberta por aquela mancha de desgraças, lugar tenebroso e vazio ferido pelas cenas de terror que marcaram a vida dos habitantes e daquela classe, que passariam o resto de sua infância com aquelas imagens terríveis assombrando suas mentes.

Como num piscar de olhos Any acorda. Senta-se rapidamente na cama e percebe que todo aquele horror vivido, não passava apenas de um sonho, imaginações da mente de uma criança. Levanta um pouco assustada, acorda sua irmã, juntas se arrumam e vão para a escola.

Chegando lá encontram toda turma animada para a viagem, embarcam no ônibus e seguem. Após duas horas chegam ao local tão esperado para conhecerem, encontram o casal que ali vivem os esperando animados e no quintal da casa formam uma roda, na qual todos ouvem atentamente as histórias contadas pelo seu João e a Dona Maria. As crianças ficam impressionadas e fascinadas pelas batalhas ali enfrentadas e começam a chorar de emoção percebendo que as lutas ali travadas foram necessárias para preservação daquele lindo local, onde os animais vivem soltos, os pássaros cantam e a natureza vive feliz.

E Any se dá conta que muitas vezes os sonhos são bobagens da mente de uma criança preocupada e ansiosa pelo dia seguinte, as duas voltam para suas casas realizadas e orgulhosas por conhecerem um lugar tão bonito que traz consigo tantas histórias que ficarão registradas na mente daquelas lindas meninas por longos anos, as quais ainda tem muito para aprender e viver.

O mistério do “quarto quatro”

Elida Aparecida Bortoluzzi

Era mês de janeiro, o sol escaldante convidava para um passeio nas águas. Uma turma de amigos decidiu fazer uma viagem que a tempos estavam planejando, conhecer um faxinal que segundo ouviam falar seria um local agradável em meio a natureza. Este grupo de amigos eram estudantes de um curso de Licenciatura advindos de várias cidades do interior do Paraná. Em uma bela manhã de sábado partiram com destino a este local que ficava à algumas horas dali.

O grupo de amigos estava ansioso em saber se as histórias que iriam ouvir de faxinalenses durante a visita eram verdadeiras e de acordo com o que ouviram de certo “senhor” que foi convidado a ministrar uma breve exposição dos fatos aos estudantes antes da viagem. Este, contou que naquele local aconteceram coisas horrendas com os moradores em confronto com proprietários de uma madeireira, que frequentemente faziam ameaças as famílias, até que um dia uma senhora não aguentando mais tanto sofrimento, decidiu por um fim naquela situação.

Ao chegar ao faxinal, ficaram encantados com os moradores daquele local, pois, após a conversa do dia anterior ficaram preocupados com o que encontrariam naquele local. Perceberam então que os moradores de lá eram pessoas muito humildes, amigas e que não necessitavam de muito para ser feliz, apenas de um pedaço de chão em meio a natureza com a qual sabiam conviver de forma surpreendente sendo que retiravam de lá seu sustento sem agredi-la, desta forma homem e natureza convivem em harmonia.

Em meio a enormes araucárias, pés de erva-mate, laranjeiras e pessegueiros é que estava construída a casa onde esses jovens estudantes foram muito bem recebidos por um simpático casal, seu Jonas e Dona Laura, que ao longo do dia lhes contaram histórias surpreendentes como esta contada por Dona Laura.

Certo dia, estando ela com seu neto em uma “estradinha” que levava até sua casa, um jagunço da madeireira, novamente voltou a fazer ameaças, dizendo que iria amarrá-la e torturar seu neto em sua frente até a morte. Neste momento, veio em sua mente todos os fatos acontecidos até então, como a morte de um rapaz, seu vizinho, que fora morto com mais de trinta tiros, pelos mesmos jagunços. No desespero, ela

lançou mão de uma garrucha, que levava consigo, e deu um tiro certo, acabando com a maldade daquele homem.

De volta à cidade, já na pousada, todos voltam para os quartos assustados com as histórias que ouviram. Ao chegar ao quarto, no final do corredor, Sofia e Joaquina encontraram Zuleica desesperada com o sumiço de alguns de seus "pertences", segundo ela não seria a primeira vez que isso acontecia. Tentando ajudar aquela mulher, as jovens, decidiram que passariam a noite acordadas para ver se descobriam qual seria o mistério destes sumiços.

Tudo transcorreu calmamente, até que começaram a acontecer coisas estranhas naquele local. Quando todos já dormiam, ouviam-se barulhos, portas batendo, ruídos, ouviam-se passos que subiam as escadas e seguiam pelo corredor em direção aos quartos. Inicialmente nada de anormal fora percebido. Porém, após algum tempo e como os ruídos não cessavam, as jovens decidiram sair do quarto e investigar o que realmente estava acontecendo. Seguiram pelo corredor que dava em uma escada a qual levava até ao refeitório, tudo estava escuro, assustador. Apenas a luz da lua refletia por entre as cortinas, embora com pouca luz, avistaram um vulto como se fosse uma sombra, que passou e saiu porta a fora. Apavoradas, as jovens retornaram a seu quarto, onde permaneceram até que os primeiros raios de sol adentrassem naquele ambiente.

Conta-se que naquele local, à tempos atrás, uma jovem humilde, daquela região, fora surpreendida revirando pertences dos hóspedes, desde então, nunca ninguém mais soube do paradeiro da referida jovem, e pertences de hóspedes desaparecem misteriosamente durante a noite.

Liberdade Faxinalense

Eduardo Maciel Ferreira

O vento corre livre. Cruza oceanos, atravessa cidades inteiras, pula cercas, transpõe obstáculos. O vento é tão liberto que ao prendê-lo, deixa de sê-lo. Mas neste mundo liberdade é exceção, não regra.

Mesmo longe de ser vento, ele corre. De pouco em pouco se cansa. Mais anda que corre, de fato. Esse sem nome é curioso. Mesmo na falta de grandes feitos intelectuais, um deles é conseguir perceber as pequenas mudanças que ocorrem a sua volta. E como gosta de observar que a natureza, a passos curtos, se modifica. E com ela, si mesmo. A árvore que outrora lhe dera uma sombra fresca nos dias quentes, agora caída, não oferece sombra nenhuma. E seu lugar favorito agora era outro, sempre outro.

No anseio do descanso ao corpo saciado, caminha. Buscava a satisfação da insatisfação. Andou. Conheceu os arredores do local onde lhe serviam alimento e que, por isso, era o local para onde sempre voltava.

Certo dia, sob o candente sol, com a pele esbraseada, ele procurou refúgio, como era de se esperar. E o local escolhido trouxe, aos ouvidos desatentos do barulhento animal, o som de água corrente. Por um breve instante, silenciou para ouvir e, pela primeira vez, imaginou. Urinou, e seguiu o som da água. Até o momento de encontrá-la ficou com a boca salivando. Ao se aproximar, sem nojo ou vergonha, abaixou o pescoço, e com ele a cabeça, e bebeu. Saciado, sentiu um prazer em ter os poucos pêlos ao redor da boca úmidos pelos momentos seguintes. Segundos depois, tentou repetir a sensação, lambendo estes pêlos, mas como a umidade da língua é mais quente que a fresca água do córrego, não exitou em tal estímulo. Agora, com a cabeça erguida, olhando entre as árvores, esqueceu-se disso.

Fitando por breves segundos o vácuo dos raios de luz que cruzavam as árvores e batiam em sua grande íris, sentiu vontade, já que sem ameaças não precisava coragem, de atravessar o córrego. E o fez, num misto de curiosidade e tédio.

Após algumas centenas de metros, deparou-se à uma cerca. Mesmo sem fome, os frutos caídos do outro lado lhe despertaram gula. Forçou o corpo contra o arame, mas ao menor sinal de dor, desistiu.

Desapressadamente, caminhou em outra direção, ainda que sem rumo, sem anseios. Ao sentir o ar gélido do fim da tarde, decidiu voltar. E o fez sem problemas, em algumas horas estava de volta ao ambiente que lhe era comum.

Sem ele saber quantos, os dias se passaram. E numa tarde tão ensolarada quanto de outrora, e talvez o próprio sol fosse o motivo: após beber água, em sua quase inconsciente mente veio a imagem da fruta. E sem entender: o fruto caído estivera ali à sua frente por um breve instante, e de algum modo foi pra outro lugar. Seu desejo despertou, e de alguma forma lembrou-se ou acreditou lembrar, do caminho para chegar até o dito alimento.

Sob o sol, caminhou. Caminhou até o sol cobrir-se de nuvens, e tais nuvens derramarem água em gotas. No instinto de proteger-se, viu uma estranha área coberta e, sem nada refletir, adentrou o local.

Dentre tudo que estava ali, já comum a ele, viu o incomum ser. Teve de inclinar a cabeça para cima para fitá-lo nos olhos. E ao fazê-lo teve como resposta uma baforada quente que lhe deu o reflexo de ir para longe. E foi, para o outro lado do barracão.

Depois da noite mal dormida, no ambiente estranho, ao ser acordado por um alto ruído, que o assustou, levantou-se do chão já correndo. Seguiu assim, metros sem rumo, parando apenas quando viu alguns dos seus mesmos alimentando-se. E entre eles, enfiou a cabeça e, despreocupado com o sabor, comeu por comer. Deixando o suporte de alimento vazio após terem o virado com os focinhos. Seguiu sem rumo.

Soube voltar ao espaço que lhe é comum. Mas uma segunda vez, saiu sem destino. Depois, o fez uma terceira, e algumas outras, de tempos em tempos. Sentia vontade disso, sem sequer entender o que é vontade. Descobriu, sem querer, que sua aspiração é o mundo, sem saber sua dimensão. Seu mundo é o Faxinal, e o Faxinal é o mundo.

O Pé de Erva-Mate

Jaqueline Boeno D'Avila

Naquele tempo, eu vivia em um Faxinal quando uma turma de estudantes resolveu nos visitar. Lembro-me desta data, do cheiro da terra molhada pelo orvalho da noite, os raios do sol ainda tímidos pouco a pouco adentravam a floresta repleta de araucárias e pés de erva-mate. O vento a bater nos galhos das árvores e o latir dos cães anunciavam a presença de estranhos nestas terras férteis símbolo e disputa entre faxinalenses e madeireiros.

Na chegada os visitantes perceberem a existência de uma casinha amarela rodeada pelas araucárias, quando surgiu na porta uma mulher de cabelos negros e de um profundo olhar que transmitia dor e sofrimento, deveras pela vida áspera do campo. Era a minha Dona, que para aquelas pessoas apareceu como uma figura misteriosa, que nos confrontos de terra não fugia da peleia, fosse homem ou mulher. O meu Dono conhecido por todos como seu Zé, de mais idade carregava consigo na cintura um facão para as situações de emergências. Um homem de poucas palavras, mas conhecedor da natureza como ninguém, daquelas redondezas.

O barulho do correr do gado e dos porcos, cercavam aquelas pessoas na caminhada, que tinham avisados dias antes aos meus donos que fariam uma visita para conhecer o Faxinal onde morávamos. Em companhia dos meus donos, adentramos na mata para apresentar aqueles curiosos as espécies de animais e plantas, que ali resplandecia. Aqueles estudantes admiram a imensa grandeza daquela paisagem peculiar aos nossos olhos de moradores.

A mata ao redor parecia que engolia-nos, quando de repente algo surpreendeu a todos. Ouviu-se um grito desesperado que vinha da mata fechada envolta pelas araucárias. Neste momento um frio de súbito passou pela espinha daqueles sujeitos, que ficaram perplexos por tamanha agonia expressa naquele grito. O desespero tomou conta de todos e em uma tentativa de controlar tamanho espanto, os professores pediram para que ninguém se separasse do grupo até que eles pensassem o que fariam para evitar que acontecesse algo de terrível com os alunos. Um dos professores indagou o meu dono:

- Senhor Zé, o que é isso? Parece um grito de uma pessoa que vem da mata.

O seu Zé abaixou a cabeça e ficou em silêncio por alguns segundos, os sinais de preocupação tomaram seu rosto e a agonia provocou uma sensação de desconfiança nos visitantes. A voz baixa saiu da garganta que insistia em prender as palavras da boca de seu Zé. Todos rapidamente o cercaram para compreender o que havia se sucedido naquele lugar. Até que então, se ouviu:

- Pensei que não havia necessidade de contar para vocês, mas não imaginava que na luz do dia ela apareceria.

Os professores inquietos para saber o que vinha de ser isso, logo perguntaram ao seu Zé:

- De quem é esse grito seu Zé? Por favor nos fale não podemos deixar que nossos alunos corram risco.

O meu dono respirou, colocou suas mãos na cintura e enrugou a testa.

- Não precisam ter medo, vou contar tudo para vocês.

- Há mais de 80 anos quando meus pais aqui chegaram, havia muitos pistoleiros da madeira na região. Eles queriam explorar as terras retirar a madeira para vender, mas como agente tem como costume somente recolher da natureza aquilo que ela nos dá, meus pais não entraram em nenhum acordo de deixar a madeira entrar nessas terras. A revolta do dono da madeira se voltou contra muitas famílias e principalmente contra a minha família. Meus pais resistiram as armadilhas feitas pela pistologem, mas em um dia chuvoso quando minha irmã corria pela floresta para coletar pinhão, os pistoleiros encontraram com ela no carreiro que ligava a casa ao capão de mato. Ela estava acompanhada pelo Rabicó o nosso porco de estimação da família, quando levou dois tiros em suas costas, os pistoleiros ao perceberem que acertaram em Ana, desapareceram rapidamente na capoeira. Ela na tentativa de fugir para pedir socorro até a casa, não chegou a tempo e acabou caindo próximo a uma árvore de erva mate e ficou agarrada no tronco na tentativa de se proteger caso os pistoleiros voltassem.

Seu Zé continuou contando que Ana não sobreviveu e faleceu em poucas horas. Eles foram descobrir que Ana estava morta quando eu cheguei sem ela na casa, como eu sempre estava perto da família quando saía para coletar frutos, logo desconfiaram que havia acontecido alguma coisa a Ana. Desde aquele dia sempre no cair da

noite se ouve na mata próximo ao pé de erva-mate em que Ana caiu ao morrer, um grito de dor que anuncia a lembrança daquela terrível dia.

A expressão de espanto tomou conta daqueles estudantes e um silêncio profundo se fez na mata, somente se ouvia o grito dos grilos que anunciavam o resplandecer da vida naquele Faxinal.

Seu Zé pediu desculpas para todos, pois não imaginava que Ana poderia aparecer durante o dia, mas ainda na presença de visitantes.

A história contada por seu Zé amenizou o espanto, mas provocou lágrimas em alguns daqueles rostos, que não sabiam ao certo o que dizer para o meu dono, mas uma coisa era certa todos estavam indignados com tamanha crueldade provocada pela ambição do homem em se apropriar da natureza, colocando-a como um objeto e o ser humano como coisa a ser tirada do caminho.

Até que então, aquelas pessoas decidiram voltar a minha casa e fazer um lanche antes de eles voltarem para suas casas. Eles não conseguiram esconder de mim e de minha família os sinais de preocupação com o acontecido, o silêncio indagava pena pelo nosso sofrimento, demonstravam vontade de nos ajudar, só não sabiam como.

Todos lanchavam serenamente, algumas poucas vozes saíam da garganta dos mais falantes. Eu olhava para eles ao comer a minha lavagem junto com os outros porcos da família, queria entender o porque de tamanho interesse em nós, simples faxinalenses.

Após o lanche, na despedida dos visitantes que havíamos conhecidos a poucas horas, pareciam que faziam parte da nossa vida. Num rompante de expressar que eles tinham gostado da visita, eles realizaram um compromisso com a minha família. De que a partir daquele dia, a educação dos faxinalenses seria uma das bandeiras de luta a ser levantada por eles, em todo ato de cobrar uma educação de qualidade para todos os povos do campo.

Vida nos Faxinais

Mirian Maria Kunrath

Quem adentra em um faxinal envolto pela harmonia entre pessoas a natureza nem imagina a intensidade e os mistérios que cercam a vida dos moradores locais. A luta pela terra entre latifundiários e faxinalenses marca a vida dos camponeses que ali vivem .

Em uma manhã ensolarada de verão, um grupo de amigos recebe um convite para conhecer a experiência de vida de um povo tradicional que mora em um faxinal, no interior do Paraná. Na chega o grupo desce do ônibus e imediatamente fica inebriado com a beleza do local, pois inicia uma caminhada por uma estradinha de terra cercada por uma mata nativa com árvores exuberantes onde se destacam a araucária símbolo do Paraná, a erva mate, além de uma grande diversidade de plantas rasteiras. Os sons dos pássaros reforçavam o ambiente de paz e harmonia, que se junta à presença de animais da família como bovinos, aves, ovelhas.

Quando nos aproximamos da casa de uma das famílias que vive ali vemos a figura de uma senhora de estatura baixa, com lindos cabelos longos e negros em um contraste com sua pele queimada pelo sol, com uma expressão em um misto de alegria e insegurança, pela nossa presença. Ela sai no terreiro para nos receber dando – nos as boas vindas. Junto dela se encontrava seu companheiro, homem de estatura mediana, magro, rosto sofrido, porém com uma serenidade expressa em seu olhar, com facão na cinta, seu fiel amigo.

Assim que nos apresentamos o casal inicia um diálogo nos contando como é a vida ali naquele lugar. Dona Maria nos conta:

- Aqui a nossa vida é muito simples, porém tiramos da terra o sustento para nós e nossos filhos!

Continua:

- Nestes últimos anos tivemos momentos de muito sofrimento aqui nessas terras, quando nós viemos mora aqui nos fomos organizando nossa produção deixando os bichos pastando no criador que é um espaço comum as famílias que aqui vivem, com pastagem consorciada as árvores, onde os animais ficam soltos convivendo em sintonia com a natureza, e fazendo as roças em locais mais longe da casa. A base da nossa renda está na produção de carne e a extração da erva mate das

plantas nativas, respeitamos o corte de forma que as plantas possam brotar e voltar a brotar e produzir novamente no próximo ano, plantamos também outras mudas junto a mata para ampliar a renda e a preservação do meio ambiente, e também vendemos o Pinhão que coletando as frutas que caem dos pinheiros em período de produção, sem derrubar nenhuma árvore pois percebemos a importância da mata para nossa sobrevivência, esta extração é feita sempre pensando na preservação do meio ambiente que é tão importante para nossa vida.

E ainda nos diz:

- Mas a nossa vida já foi muito difícil, pois a alguns de anos prá cá uns fazendeiro tem tentado nos arrancar da terra, fazendo ameaça e querendo expulsa as família dizendo que são donos das terra aqui, mas na verdade nos estamos aqui a muito tempo e precisamos das terras prá viver, enquanto eles apenas querem explorar a terra e os recurso natural. Querem derrubar as matas pra explorar a venda da madeira já que são donos de madeireira da região, acabar com a floresta e a biodiversidade, e fazer com que todas as famílias que vivem aqui vivam sem terra para sobreviver. As ameaças contra a nossa vida passam a ser uma realidade diária. Vivemos dias de medo.

Seu João nos convida para uma caminhada pelo faxinal, onde continuamos a visualizar as belezas do lugar, sempre falando sobre as questões dos efeitos positivos das plantas para a saúde das pessoas, a chamada medicina popular e a cultura deste povo. Nos fala da importância da preservação da floresta e das águas como patrimônio das pessoas e como sendo esta a melhor herança para as futuras gerações. Fica claro em sua fala a relação de respeito que as famílias tem com o ambiente em que vivem.

A caminhada continua e quando chegamos em uma curva, de um pequeno carreiro Dona Maria retoma o proza muito emocionada pois vem em sua memória momentos de grande terror. Conta que em um dia de sol vinha sozinha por ali e quanto estava próxima de sua casa, encontra alguns homem armados com espingardas, todos com expressão de ódio. Eles a cercam, iniciando xingamentos e ameaças, afirmando que caso ela e sua família não saíssem daquele lugar em 24 horas, eles não teriam mais escolha, amanheceriam com a boca cheia de formiga.

Como Dona Maria sofria constantes ameaças carregava junto ao corpo uma velha espingarda a qual acreditava nem funcionar mais de tão velha. Em um momento de desespero ao ouvir os jagunços gritarem

palavras de humilhação e ameaças contra seus filhos e vendo que a sua vida estava em risco ela pega sua espingarda e volta para os jagunços e aperta o gatilho. O barulho rompe com o silêncio e a tranquilidade daquele lugar. Vendo que tinha atingido um dele, corre de forma desesperada e se esconde em sua casa, apavorada, com um sentimento de medo pelas ameaças e pelo horror de ter atingido uma pessoa.

Essas lembranças fazem com que lágrimas escorram pelo seu rosto e o soluço saia de sua garganta.

Algumas horas mais tarde recebe, a notícia que a acompanha e a aterroriza até hoje, o tiro foi certo e atingiu o mais temido dos jagunços da região que caiu ali em meio ao carreiro, naquela mata aparentemente tranquila, mas que daquele momento em diante fica marcada para sempre na memória e na vida desta senhora guerreira e que lutou com garra pela defesa da sua família e das suas terras.

Um tiro, um grito, um susto...

Renan W. R. de Lima

- Vai mais devagar João!
- Não trago mais você, parece uma tartaruga...
- Tartaruga eu? Fala assim porque têm essas pernas de bambu!
- Olha, Luizinho, se estou andando com muita pressa tenho os meus motivos, eu avisei que era longe, que você logo iria cansar e pedir colo!

- Colo uma óva, seu bobo.

Seguiam os dois meninos, com passos rápidos, o mais velho e maior em tamanho, mantinha certa distância do menor, que buscava com certo desespero, andar, ou melhor, quase correr para se manter junto naquela que parecia uma maratona, a maior das caminhadas de sua vida.

- João, não quero colo não, mais to cansado!

- Eu já disse, temos que nos apressar, nem imagina o que os jagunços da grilater fariam com agente!

- Grio... O que?

Esquece. Isso é coisa de gente grande!

O menino assume formas mais aligeiradas de alternar os passos, agora parece andar de igual com o irmão.

- Nem vem... Sei que deve estar falando das histórias que a nossa mãe e as vizinhas contam, sobre as lutas para garantir o nosso faxinal.

- sim, é isso mesmo Luizinho.

- João, acho que a mãe não, mas as vizinhas mentem!

- Não são mentiras Luiz, eu mesmo estava lá naquele tempo. Eu era pequeno, sim, mas guardo na memória tudo o que aconteceu. Você nem existia! Era bem diferente de hoje!

- Como diferente?

- Hoje muitas das violências não ocorrem mais, não como antes. Vivemos bem, temos nossas galinhas, porcos, vacas, cavalos, dividimos as terras e a usamos coletivamente. Todos somos donos dela, porque podemos plantar nossas roças e criar nossos bichos. As cercas servem apenas para separar os lotes que plantamos para os animais não estragarem ou comerem.

- Igual à roça de milho e feijão, né João!

- E sim!

- Temos os mutirões, as rezas, os vizinhos que são amigos. Podemos fazer casas e morar na terra, perto dos nossos pais e ajudar a cuidar da terra, dos bichos e da natureza.

- Até casar, né João. Eu vi aquela noite da novena, aquela reza na casa da Joana. Você e a Terezinha fugiro, eu não fui atrás porque a mãe estava com os zoiros fechados, mas me segurando pelo colarinho da camisa. Vocês foram aonde?

- Luizinho, como estava falando, você não tem medo porque conhece o faxinal de hoje. Pois naquele tempo era perigoso.

Você acredita que estava eu e o Carlinho, aquele que têm uma perna mais curta que a outra, vindo da escola, quando três homens vieram com revolver e espingarda e disseram:

- Não corram ou levam chumbo!

Nós paramos, eles vieram, pegaram nossos materiais da escola, jogaram no chão e pisaram.

- Que raiva João!

- Quietos! Agora deixa eu continuar contando... Depois disseram que avisássemos a todos do faxinal que aceitassem vender as terras, ou se mudassem. Isso se realmente eles amassem seus filhos. Logo autorizou que nós pegássemos nossos materiais, mandou nos correr até a nossa casa, sem olhar para trás. Caso olhássemos, iríamos ver qual é a cor de uma bala.

O pior de tudo, Luizinho, e que me deixou com mais medo, foi que eu reconheci o gordinho barbudo, aquele que matou as vacas e cachorros, e ainda colocou fogo na casa da dona Mariana e do seu Pedrão. Foi por isso que eles saíram dizendo que iriam viajar e nunca mais voltaram para o faxinal.

- Verdade João hoje o faxinal é diferente, somos felizes. Antes era muito triste né! João, esse Carrero está escuro. Quando fomos visitar e brincar com o Fabinho, não vamos cortar caminho. Ainda mais com você contando essas histórias, tenho medo de jagunços!

De forma inesperada, um estrondo:

Baamm...

- Um tiro, gritou João!

- Aaaaaiiiiiiii...

Muito choro...

- Luizinho, você está bem?

- Sim, João!

- Então porque gritou, quase me matou de susto. Não viu que foi o pai que atirou para assustar as pombas que estavam comendo as sementes!

- Sim, eu vi! È que, que, que...

- Fala!

- Gritei porque depois das histórias que contou, fiquei pensando nos jagunços querendo atirar na gente. Então escutei o tiro, me assustei e acho que borrei meu calção. A mãe vai brigar comigo?

- Deixa disso, vamos explicar para ela, esta tudo bem.

- Você também já fez isso?

- Capaz! Falamos sobre isso outra hora...

- Meninos... os dois mocinhos já tomar banho, quantas vezes já disse que mesmo no faxinal é perigoso andar perto da noite.

- Tamo indo mãe!

Sonho Bobo

Silvana Gomes Lima

No paraíso dos sonhos, um lugar bom, onde tudo é certo, tudo é muito bem organizado vivem seres geneticamente modificados, lá vivem homens e mulheres, que são resultados da mutação que o paraíso por nome de Brasil sofreu há muito tempo atrás. Lá existem seres de várias cores e tamanhos. Com a evolução tempos eles se modificam cada vez mais. Estes seres residentes por um curto período na colônia Rureco, vieram para cá em busca de conhecimentos e foi assim que em certa ocasião de experimentação, algo acontece naquele local:

- Corre aqui, corre aqui senhora Cida.

- O que foi?

- É eu não sei como explicar, mas eu coloquei água fervente aqui nesses copos de becker e água. A água fervente fez despertar o gênese da curiosidade... E ainda tem mais, ele liberou e deu vida ao vírus que foi direto para o organismo dos corpos de toda a colônia Rureco.

- Não, não, não acredito! Eu sou uma besta mesmo, também eu só queria descobrir inovações. Viver uma nova experiência, mas essa deu errado. Essa filosofia de que vocês são capazes de se auto organizar sem que não aconteça confusão com os copos de becker é mentira.

- Mas Srª Cida, é só achar a fórmula para deter esse vírus da curiosidade!

- Não dá mais. Agora já é tarde, ele já está no DNA de cada um e não vai sair jamais.

Aos poucos o vírus tomou conta de todos.

- Queremos sair da colônia Rureco. Saber sobre os outros povos, as outras colônias que existem por volta daqui. Não temos só inteligência e vontade de descobrir novos conhecimentos, mas também curiosidade.

- Ai como o meu cérebro dói de tanta vontade de passear, sair desta colônia que me proporciona experiências, não quero só possibilitar experimentos, mas também viver uma grande aventura experimental.

Incomodada com tanta curiosidade dona Cida resolveu em um dia de sol levá-los em outra colônia, dita de "Faxinal". Dona Cida é uma senhora muito preocupada, pois sabe que seus curumins só têm curiosidade e vontade de dia, pois à noite eles usam para dormir e

descansar, durante esse tempo o vírus se reproduz gerando mais curiosidade que se manifesta pela manhã.

Estavam todos empolgados... Mas ao chegar ao destino perceberam que não era um paraíso que só existem coisas boas.

Lá estavam eles na colônia Faxinal de décadas atrás. Viajaram anos de volta ao passado.

As pessoas eram boas, mas viviam em conflito com outros povos.

Seus modos de vida espantaram a todos, pois eram humildes sem ambição, cultivavam a mesma terra, uns protegiam aos outros, cuidavam dos animais não com a importância de um simples animal que serve para consumo, mas como seres que fazem parte de seu dia a dia. Essas pessoas também arriscam a vida por seus ideais, todos comungam do mesmo princípio.

Na volta da viagem, um curumim comenta:

- O que mais me espantou é que eles não querem chegar ao segundo milênio, pois acham que nós somos loucos em viver nesse paraíso onde tudo é certo e bem organizado e todos são geneticamente modificados, são muito curiosos em busca de conhecimentos, para competir com os da sua mesma espécie.

- Ainda bem que estamos voltando desse sonho bobo.

- Ufa! Acordei. Estou fazendo licenciatura, né?!

Pela Liberdade dos Faxinalenses

Soniamar Lara de Lima

Sou homem barbado e digo com orgulho sou faxinalense, aprendi com minha avó, enfrentar o jagunço mais perigoso se preciso for, não arredo o pé, aqui é minha terra. Gosto da simplicidade da vida, vive aqui um povo humilde, que produz em coletivo, os animais nascem livres, presos não devem ficar as plantas tem Raiz não saem do lugar. Nossa mata não é derrubada, bromélias vermelhas e orquídeas selvagens enfeitam os troncos, das mais grandes árvores, a vida deve ser preservada com uma beleza natural...

Lembro-me como se fosse hoje o dia em que minha avó Noêmia me devolveu a liberdade a 23 anos atrás... Era uma manhã de sábado, brincava com asborboletas que reforçavam suas cores fortes nas réstias do sol, corria junto delas por entre as árvores, sentia no peito ser livre, não podia voar, mas me sentia livre. Corri e girei muito até sentir sede, parei na sanga e de joelhos, tomei com muito gosto àquela água branquinha, que formava pequenas cascatas em cima das pedras.

Abaixado na sanga, ouvi barulho, de madeira se quebrando na mata, me corre um frio na espinha, tive a impressão que não estava sozinho, e uma ideia ruim passou em minha mente, será o jagunço da fazenda a me sonda?

Olhei para os lados, estava mais perto da casa de minha avó do que a do meus pais, não pensei duas vezes e ganhei o cisco. Cheguei assustado, minha avó com sua doçura, percebeu minha aflição e fez um chá de manjerona, bem docinho, tomei, mas lembro de que fiquei calado, apenas com meu pensamento...Querida voltar a brincar na mata e correr atrás de rabricó, mas o medo não me deixava, será que o frio que senti foi apenas medo, ou os pistoleiros da fazenda estavam mesmo na nossa mata?Baixinho resmunguei:

-Não posso ser tão medroso, cadê a minha liberdade? Com estes poderosos fazendeiros, mandando pistoleiros pra nos mata, estou preso sem gaiola.

Logo depois do almoço meu pai chegou e convidou meu avô para ir vizinhança formar o mutirão, para colher pinhão. Eles saíram e eu fiquei do lado da casa, subido no mangueirão, observando a Boneca da vizinha que por ali passara para comer sal.

Minha avó saiu pra fora, assim como eu, escutou conversas estranhas, parecia vim da cerca que fizemos na divisa do faxinal com a madeireira dos Pata, para não matarem nossa criação. Então minha vó guerreira decidiu ver o que se passava, com a espingarda velha que nunca estourava amarrada por frente ao corpo.

- Gabriel, venha cá precisamos ver o que é que esta acontecendo?

Eu fui não podia deixa a vó ir só, mas meu coração batia acelerado e a respiração ofegante... Quando chegamos perto minha vó gritou, a voz saiu tremula.

- Porque vocês estão pintando a...a cerca que nós fizemos?

Ao nos ver, um dos pistoleiros com fama de mais perigoso da região pegou a arma e começou a subir em nossa direção. No canto da boca mascava capim seco, olhar fixo em nos, seus passos ligeiros ia quebrando as madeiras finas formando inesquecíveis estalos. Ficamos paralisados, eu não sabia o que fazer, tinha vontade de agarrar a mão da vó e sair correndo, pedir socorro aos homens do faxinal, já me abatia o arrependimento de ir junto com ela, de deixa – lá ir, de defender nosso direito de viver aqui. A vó não saía do lugar, agarrado em seu braço sentia seu pulsar acelerado. A pisada forte daquele homem frio nos atordoava, ele vinha carrancudo, e estava cada vez estava mais próximo.

- Você vai ser nossa pomba e sua família jacu, vamos caçar de um por um- murmurou ele.

Com isso saímos correndo, e o jagunço atrás- "Não quero que mate meu neto, como já matou o filho da vizinha", pensou minha avó. Num sustovirou com sua espingarda velha, que nunca estourava, apertou o gatilho e estourou. Olhei para traz e vi nos olhos daquele jagunço a raiva que sentia de nós, mas com a bala no peito aos poucos foi caindo, e sumindo por entre ramos verdes da mata.

Dei as costas para ele e segui o carreiro na frente de minha avó, meu medo passou, o sentimento de liberdade encheu meu peito outra vez.

É, foi graças à garra da vó Noêmia, que hoje temos este lar, que aprendi ir luta pelo nosso direito de trabalhador, lutarpela terra que um dia nos foi roubada e que temos por direito. Mas a luta não acaba aqui, agora conto com você vamos brigar se preciso for pelo direito à saúde do povo faxinalense, educaçãodo campo aqui no lugar que vivemos e quanto aos poderosos não podemos nos amedrontar, juntos na luta com força, nossa verdadeira liberdade podemos conquistar.

A árvore da morte

Zélia S. Gavlik

Numa região rural distante, no sul do Brasil, onde as vacas remoíam e mugiam ao redor de um cocho falquejado numa tora de cedro, cheio de sal, moravam sete famílias que faziam parte da mesma geração. Eram sete filhos, seis mulheres e o último homem. Todos já de idade superior a trinta, variando de um a um. Com a morte dos pais, veio o inventário do terreno que passou de imenso para pequeno ao ser divididos igualmente entre os herdeiros. Mas como dizem por aí, que o último filho sempre requer mais direitos, assim aconteceu com Joel, um homem de 32 anos, barba cerrada, camisa de poliéster, calça de tergal e ainda sapatos de cordão tornara-se um sujeito não muito interessado em trabalho, mas sim numa boa vida, diferentemente das suas seis irmãs mais velhas.

Joel, tragicamente inspirado num de seus tios que o rodeara tanto na infância, um senhor elegante, aposentado, de 77 anos de roupas sociais incrivelmente engomadas e frisadas acompanhado de seu inseparável chapéu preto e sua maleta de mão marrom onde guardava a roupa do dia seguinte. Este que com voz firme e palavras eruditas, adorava contar causos de visagens, principalmente de cavalos alados e almas penadas que protegiam antigas panelas de dinheiro enterrados por gerações passadas, uma delas, até então, encontrada por ele, num ato de coragem e desmistificação, tal motivo para seus 5 dentes de ouro na boca já envelhecida.

Desde pequeno Joel ouvia tais histórias e acabou crescendo e acreditando que seriam reais tais aventuras fantasiosas. Então se tornou um caçador de panelas de dinheiro. Onde investia o que tinha em mandingas, instrumentos e utensílios para achá-las, mas até então sem êxito.

Joel e sua esposa Amélia, moravam num casa simples com cepos de bugreiro, telhado de tabuinhas e paredes sem pinturas, desprovido de qualquer luxo ou conforto. As paredes e janelas, mesmo sem pinturas, pareciam brancas de tanto Amélia, um capricho de mulher, esfregá-las com sabugos de milho e palhas de aço até remover o mais ínfimo resquício de poeira da estrada que passava próxima. Em frente a casa deles havia uma "soita", uma árvore frondosa, muito zelada por seu antigo pai, que balançava e rangia muito em noites de ventania. O tio de Joel insistia na idéia de na profundidade daquele tronco oco, havia algo de valor enterrado, designado por ele como panela de dinheiro. Joel que passara 32 anos alimentado psicologicamente por essas estórias fantasiosas, nunca teve coragem de derrubar a soita para verificar a veracidade da crendice do tio também já falecido.

Juca sobrinho mais velho de Joel, filho da sua irmã mais velha, beirava a idade do tio, e não se conformava com as condições de vida dele, um homem tão vigoroso ter tanta má vontade de trabalhar e ficar só pensando nessas histórias de fantasma pensava ele. Resolveu investigar o por que de tanto interesse do tio nesse tipo de lendas.

Numa noite de sexta feira, dia 13 de agosto de 1973, curiosamente o aniversário de Joel, Juca foi jantar com o tio, um lagarto que ele próprio matara e havia sido preparado pelas mãos competentes e olhos verdes esperança, de Amélia, e puxou a conversa. Joel que não gostava de falar sobre suas expectativas e buscas incertas, naquele dia pôs-se a falar sobre suas duas amaldiçoadas aventuras atrás dessas riquezas dúbias.

Na primeira aventura Joel, foi ainda pequeno junto de seu tio, numa noite de lua cheia, com roupa preta e um crucifixo de madeira pendurado no pescoço, foi averiguar uma cruzada de quatro pontos, onde passavam duas estradas. A esquerda deste cruzamento diziam haver resquícios de um cemitério indígena, e ali um pé de Miguel pintado no qual havia uma marca que mostraria donde haveria de estar enterrado o tão procurado tesouro. Joel, seu tio e seus dois fiéis escudeiros Duque e Nero, cães de caça, adentraram na mata emaranhada de arbustos espinhentos que o seguravam pelas pernas das calças, depois de horas procurando, encontraram o tronco da envelhecida e podre árvore cuja qual realmente tinha uma marca que apontava para sua raiz mais grossa, com formato serpente enrolada, os dois então se puseram a cavar ao redor, o buraco já estava em proporções enormes quando Joel com sua picareta, num lance de maior força, atinge algo que estronda a terra e faz os pássaros fugirem assustados, seu tio sem demora com sua pá tenta dar forma ao objeto, e cavando, cavando tiraram da terra uma caçarola de ferro, preservada pela terra, porém vazia. Eles até a levaram com terra e tudo, peneiraram a fim de encontrar algumas pipetas, mas mesmo assim nada encontraram. A tal panela foi usada por Amélia para cozinhar o lagarto.

Joel pede a Amélia mais um trago de sua cachaça onçinha, para tomar fôlego e contar a próxima aventura. Nesse meio tempo, dantes de céu estrelado, começara a fechar com nuvens escuras que pareciam galopar, a claridade da lua cheia foi totalmente tomada pelas nuvens densas que previam chuva brava. O soita como se esperava, naquele dia rangia pouco mais que o comum, e o vento que assoviava por entre as frestas da pequena casa, atrapalhavam Joel nas suas narrações e assustava Amélia sentada ao lado de um fogão de lenha, mas ele não desistiu, continuou falando com voz enrolada pela cachaça que começara a agir, dizendo que a segunda viagem de exploração foi a mais derradeira.

Joel parecia estar possuído por um força que mesmo bêbado não o deixavam parar de falar, e parecia que quanto mais auto ele falava mas o vento no soita tentava o fazer calar, o vento soou tão forte que lascou um galho do grande soita, e que passara a ranger muito mais, e antes de começar a outra historia, sentiu algo que nunca sentira antes uma queimação no peito, uma ardência nos olhos e um coceira no corpo, que num lance de loucura, saltou porta a fora pegou seu machado afiado e partiu rumo ao soita, e abraçado no machado, blasfemava tanto seu tio, seus pais, e sua vida que num lance de ódio foi alvejar a arvore com o machado quando do céu caiu um raio, que atingiu primeiramente o machado, depois Joel chegou à árvore.

Amélia ao presenciar o acontecido caiu desfalecida, mas é amparada por Juca, que mesmo atordoado pelo acontecido, a põe todo amoroso deitada na pequena varanda, para enfim esbravejar por ajuda. Ao chegar o pai e mãe de Juca, bem como todos os seus familiares viu-se que nada se pode fazer. Viram que seus dias de obsessão acabaram, e o soita, mesmo rachado continuara com vida.

Hoje, dez anos mais tarde, o soita não range muito pois teve seus galhos tomados por 2 balanços. Balanços esses que são os brinquedos favoritos de Jael e Jaine que nasceu 6 meses depois da morte de Joel. Filhos de Amélia e Joel, porém criados por Juca, que os ama como se fossem filhos.

Juca e Amélia casaram-se quando Jaine completou 3 anos. A casa já não tem mais frestas e tem mais 3 peças incluindo uma varanda de onde pode ser avistado o soita. Os quatro vivem felizes na simplicidade daquele mesmo sítio. Todos participam da criação de porcos, ovelhas, produção de erva-mate e colheita de pinhão, forma encontrada de sobrevivência naquela propriedade. Amélia por hora não está indo ajudar na lida, pois se encontra em estado de graça, grávida do seu terceiro filho.

pero él no se rindió, siguió hablando envuelto por la cachaza que había empedrado a beber, diciéndole que el segundo viaje de exploración sería derradero.

Joel parecía estar poseído por una fuerza que mismo borracho no le permitía dejar de hablar, y parecía que cuanto más hablaba más el viento en el Soita trataban de callarlo, el viento sonaba tan fuerte que antes de empezar otra historia, sintió algo que nunca antes había sentido un pecho en llamas, un ardor en los ojos y picaazón en el cuerpo, salió por la puerta y agarró el hacha afilada partió hacia el Soita, abrazó el hacha y criticó tanto a su tío, sus padres, y su vida era motivo para odiar al árbol con el hacha cuando del cielo cayó un rayo que golpeó el hacha, luego vino el árbol a Joel.

Amelia al presenciar el ocurrido cae desmayada, pero con el apoyo de Juca, aún aturdido por el ocurrido, la pone con todo cuidado acostado en el pequeño balcón y finalmente pide ayuda. Al llegar el padre y la madre de Juca y toda su familia vio que no podían hacer más nada. Vio que sus días de obsesión terminaron y que el Soita continuaba con vida.

Hoy, diez años después, el Soita no range tanto pues sus ramas habían sido tomadas por 2 columpios. Columpios estos juguetes favoritos de Joel y Jaine que nacieron seis meses después de la muerte de Joel. Los hijos de Amelia y Joel, pero creados por Juca, que los ama como si fueran sus niños.

Juca y Amelia estaban casados cuando Jaine completó tres años. La casa ya no tiene grietas y tiene 3 piezas más, incluyendo un balcón desde el que se puede ver el Soita. Los cuatro viven felices en la simplicidad de ese mismo sitio. Todos participan en la crianza de cerdos, ovejas, la producción de la yerba mate y la cosecha de piñón, encontraron una manera de sobrevivir en esa propiedad. Amelia por hora no va a ayudar a hacer frente porque está en un estado de gracia, embarazada de su tercer hijo.

de estas historias fantásticas, nunca tuvo el coraje de derrocar al solita para verificar la exactitud de la creencia de su tío ya fallecido.

Juco sobrino mayor de Joel, hijo de su hermana mayor, rayaba al viejo tío, y no se ajustaba a las condiciones de su vida, un hombre tan poderoso y tan poco dispuesto a trabajar y quedarse sólo a pensar en estas historias de fantasmas pensado ella. Decidió investigar por qué tanto interés en este tipo de leyenda del tío.

En una noche de viernes, 13 de agosto 1973, curiosamente el cumpleaños de Joel, Juca estaba cenando con su tío, un lagarto que había sido preparado por sus propias manos, pero los ojos verdes, de Amelia lo tiró de la conversación. A Joel no le gustaba hablar de sus expectativas y búsquedas inciertas, pero en ese día empezó a hablar de sus dos aventuras malditas detrás de estas dudosas riquezas.

En la primera aventura Joel todavía era pequeño, pero fue al lado de su tío, una noche de luna llena, con ropa negra y un crucifijo de madera alrededor de su cuello, en una cruzada fue investigar cuatro puntos, donde pasaban dos caminos. El lado izquierdo de esta travesía dijo que había restos de un cementerio indio, y un pie pintado en el que había una marca que muestra dónde estaría el tesoro enterrado. Joel, su tío y sus dos fieles escuderos Duke y Nero, perros de caza, entraron en el bosque de espinos enmarañados que sujetaban las piernas del pantalón después de horas de búsqueda, encontraron el tronco que era vijejo y árbol de la muerte que lo que en realidad tenía un marca que señalaba a su raíz más gruesa, en forma de serpiente enroscada, los dos entonces se pusieron a cavar alrededor, el agujero ya estaba enorme cuando Joel con su pico, en un intento de mayor potencia, algo que llega a la tierra y hace que los pájaros huyan asustados, su tío sin demora con su pala tratando de dar forma al objeto, y cavando la tierra dibujó una cazuela de hierro, conservado por la tierra, pero vacío. Incluso se la llevaron con tierra y todo, tamizados para encontrar algunas pipetas, pero no encontraron nada. Sólo una olla que fue utilizado para cocinar el lagarto por Amelia. Joel pide a Amelia otro trago de su ron, para respirar y contar la próxima aventura. Mientras tanto, antes el cielo estrellado, comenzara a cerrar con las nubes oscuras que parecían estar a galope, a la luz de la luna llena fue totalmente tomada por las densas nubes. El solita como se esperaba, ese día crujió un poco más de lo habitual, y el viento silbaba a través de las rendijas de la casita, Joel obstaculizado en sus narraciones, asustado y Amelia sentada al lado de una estufa de leña,

El Arbol de la Muerte

Zelia S. Gavlik

En una zona rural lejos en el sur de Brasil, donde las vacas mugían y remolían alrededor de un flaqueado tronco de cedro, llena de sal, vivían siete familias que formaban parte de la misma generación. Había siete hijos, seis mujeres y el último hombre. Tenían todos entre treinta a cuarenta años. Con la muerte de los padres, llegó el inventario de la tierra que fue dividido todo en partes iguales entre los herederos. Pero como dicen, que el último hijo siempre requiere de más derechos, eso ocurrió a Joel, un hombre de 32 años, barba cerrada, camisa de poliéster, pantalones e incluso los zapatos de cordón, se convirtió no muy interesado en trabajar, pero le gustaba llevar buena vida, diferentemente de sus seis hermanas mayores.

Joel, inspirado trágicamente por un tío que lo rodeaba desde la infancia, un caballero elegante, jubilado de 77 años acompañado de su inseparable sombrero negro y un bolso de mano color marrón donde guardaba la ropa del día siguiente. Con una voz firme y palabras aprendidas, le gustaba contar historias de visajes, caballos alados y sobre todo las almas perdidas y de las ollas antiguas llenas de dinero, protegidas y enterradas por las generaciones pasadas, uno de ellos, hasta ahora, encontrado por él en un acto de valentía y desmitificación, como motivo de sus 5 dientes de oro en su boca ya envejecida.

Desde pequeño Joel oía tales historias y terminó creciendo y creyendo que serían aventuras fantásticas. Luego se convirtió en un cazador de dinero. Donde había invertido en mandinga, instrumentos y herramientas para la búsqueda de ellos, pero hasta ahora sin éxito.

Joel y su esposa Amelia, vivían en una casa sencilla, las paredes sin pintar, desprovistos de cualquier lujo o comodidad. Las paredes y ventanas, incluso sin pinturas, de tanto Amelia frotar para eliminar el fragmento más pequeño de la polvorienta carretera que pasaba cerca. En frente de la casa era un "soita", un árbol frondoso, muy Zelada por su viejo padre, que se balanceaba y crujió noches de mucho viento. Tío Joel insistió en la idea de que, en la profundidad del tronco hueco, había algo de valor enterrado, designado por él como bote o olla de dinero. Joel pasó 32 años alimentado psicológicamente

- Gabriel, ven aquí tenemos que ver lo que está sucediendo.
Yo fui pues no podía dejar que la abuela fuera sola, pero mi corazón latía rápido y jadeante ... Cuando llegamos cerca y mi abuela gritó, su voz salió temblando.

- ¿Por qué estás pintando el alambrado... que nosotros hicimos?
Como vimos, uno de los hombres armados con una reputación más peligrosa de la región tomó el arma y empezó a subir hacia nosotros. En el canto de la boca mastica la hierba seca, mirando a nosotros, sus huellas ligeras estaban rompiendo las finas maderas que formaban ruidos inolvidables. Quedamos paralizados, no sabía qué hacer, quería tomar la mano de la abuela y correr, pedir ayuda a la gente de los taxiniales, ya me arrepintiéndome de ir junto con ella, pero estábamos allí para defender nuestro derecho de vivir aquí. La abuela no salía, agarrado del brazo sentí su pulso acelerado. La pisada fuerte de aquel hombre frío nos aturdió, él venía con el ceño fruncido, y estaba cada vez más cerca.

- Tú vas a ser nuestra paloma y su familia ¡acu, vamos a cazar uno por uno -murmuró él.

Con que salimos corriendo, y el pistolero detrás "No quiero que maten a mi nieto, como ya mataron al hijo de un vecino, " pensó mi abuela. En susto viró con su vieja escopeta que nunca estallaba, apretó el gatillo y sopió. Miré hacia atrás y vi al hombre armado con ojos de ira contra nosotros, pero con la bala en su pecho estaba cayendo poco a poco y desapareciendo entre las ramas verdes de la selva.

Le di la espalda y seguí el camino delante de mi abuela, mi miedo pasó, la sensación de libertad llenó mi pecho de nuevo.

Fue gracias el coraje de mi abuela Noemía, que ahora tenemos esta casa, aprendí a luchar por nuestro derecho de trabajar, luchar por la tierra que nos fue robada un día y tenemos por derecho. Pero la lucha no termina aquí, ahora podemos contar con ustedes para luchar si necesario por el derecho a la salud de los taxiniales, educación del campo, en el lugar en que vivimos y con relación a los poderosos no podemos nos asustar, ¡juntos en la lucha con la fuerza, nuestra verdadera libertad podemos conquistar.

Por la libertad de los Faxinalenses

Soniamar Lara Lima

Soy hombre barbudo y digo tengo orgullo de ser faxinalense, aprendí con mi abuela a enfrentar a los bandidos más peligrosos, si fuera necesario, no se alejó los pies de aquí, esta es mi tierra. Me gusta la sencillez de la vida, un pueblo humilde vive aquí, que produce colectivamente, animales nacidos libres, no deben ser prisioneros las plantas tienen raíces no deben salir de allí. Nuestro bosque no es derivado, bromelias y orquídeas rojas silvestres adornan los troncos de los grandes árboles, la vida debe ser preservada con una belleza natural...

Recuerdo como si fuera hoy el día en que mi abuela Noemia desarrolló la libertad de hace 23 años ... Era un sábado por la mañana, jugaba con las mariposas que reforzaron sus colores fuertes en manchas de sol, corría con ellas entre los árboles, sentía en el pecho ser libre, no podía volar, pero me sentía libre. Corrí y me volví con mucha sed, me detuve en la sangra y de rodillas, tomé con gusto aquella agua blanquinha, que formaba pequeñas cascadas sobre las rocas.

Bajo a la sangra, oí el ruido de madera se rompiendo en el bosque, corro un escalofrío por la columna vertebral, tuve la impresión de que no estaba solo, y pasó una mala idea en mi mente, ¿será el asesino de la granja a me sondar?

Miré alrededor, estaba más cerca de la casa de mi abuela que la de mis padres, no me lo pensé dos veces y gané el cisco. Me asusté, mi abuela con su dulzura, notó mi malestar e hizo un té de mejorana bien dulce lo tomé, pero recuerdo que me quedé callada, sólo con mi pensamiento ... Yo quería volver a jugar en el bosque, pero el miedo no me dejaba, ¿será que el frío que sentí fue apenas miedo o los pistoleros estaban mismo en la granja? Bajito murmuré:

No puedo tener tanto miedo, ¿dónde está mi libertad? Con estos poderosos terratenientes, enviando hombres armados para nos matar, estoy preso sin una jaula.

Después de la comida llegó mi padre y mi abuelo invitó a ir barrio para formar un grupo de trabajo para la cosecha del piñón. Ellos salieron y yo estaba en el lado de la casa, colgado al Mangureiro, viendo la muñeca de la vecina que pasaba por allí a comer sal.

Mi abuela se fue, así como yo había oído conversaciones extrañas, parece que venía de la frontera de los faxinales con la industria de la madera de los Patos, para no matar en nuestra creación. Entonces mi guerrera abuela decidió ver qué sucedía, con la vieja escopeta que nunca estallaba atada a la parte delantera del cuerpo.

señora muy preocupada, pues sabe que ellos sólo tienen curiosidad y ganas por el día, pues por la noche ellos suelen dormir y descansar, durante ese tiempo el virus se reproduce generando más curiosidad que se manifiesta por la mañana.

Estaban todos alborozados... Pero al llegar al destino percibirían que no era un paraíso que sólo existe cosas buenas.

Allá estaban ellos en la colonia Faxinal desde hace décadas. Viajaron años de vuelta al pasado.

Las personas eran buenas, pero vivían en conflicto con otros pueblos.

Sus modos de vida espantaron a todos, pues eran humildes sin ambición, cultivaban la misma tierra, unos protegían a los otros, cuidaban de los animales no con la importancia de un simple animal que sirve para consumo, pero como seres que hacen parte de su cotidiano. Esas personas también arriesgan la vida por sus ideales, todos comparten del mismo principio.

En el viaje de regreso, uno habla:

- Lo que más me espantó fue que ellos no quieren llegar al segundo milenio, pues creen que nosotros somos locos en vivir en ese paraíso donde todo es correcto y bien organizado y todos son genéticamente modificados, son muy curiosos en busca de conocimientos, sólo para competir uno con el otro.

- Gracias que estamos volviendo de este sueño tólo.
- Ufa! Me desperté. ¡Estoy haciendo licenciatura!

Silvana Gomes Lima

En el paraíso de los sueños, un sitio agradable, donde todo es correcto, todo es muy bien organizado viven seres genéticamente modificados, allí viven hombres y mujeres, que son resultados de la mutación que el paraíso por nombre de Brasil sufrió hace tiempo. Allí existen seres de varios colores y tamaños. Con la evolución ellos se transforman cada vez más. Estos seres residentes por un corto periodo en la colonia Rureco, vinieron para acá en búsqueda de conocimientos y fue así como, en cierta ocasión de experimentación, algo ocurre en aquel sitio:

- Corre acá, corre acá Doña Cida.

- ¿Qué fue?

- Yo no lo sé cómo explicar, pero yo puse agua herviente aquí en estos vasos de agua. El agua herviente hizo despertar la curiosidad... Y aún más, lo libté y dio vida al virus que fue directo para el organismo de los cuerpos de toda la colonia Rureco.

- ¡No, no lo creí! Yo soy una bestia mismo, también yo sólo quería descubrir innovaciones. Vivir una nueva experiencia, pero no tuve éxito. Esa filosofía de que somos capaces de auto organizarse sin que no ocurra confusión es mentira.

- Pero Doña Cida, ¡es sólo encontrar la fórmula para detener este virus de la curiosidad!

- Ahora ya es tarde, él ya está en el DNA de cada uno y no va a salir jamás.

A los pocos el virus tomó cuenta de todos.

- Queremos salir da colonia Rureco. Saber sobre los otros pueblos, las otras colonias que existen alrededor. No tenemos sólo inteligencia y ganas de descubrir nuevos conocimientos, pero también curiosidad.

- Ahí como duele a mi cerebro duele de tanta gana de pasear, salir de esta colonia que me proporciona experiencias, no quiero sólo experimentar experimentos, pero también vivir una gran aventura experimental.

Incómodo con tanta curiosidad doña Cida resolvió en un día soledado llevarlos en otra colonia, llamada "Faxinal". Doña Cida es una

- ¡Sí, lo vi! Es que, que, que ...
- ¡Habíai!
- Lore porque después de las historias que conté, quedé pensando en los pistoleros nos disparando los tiros. Entonces el tiro, me asusté y me parece que borre mis pantalones cortos. ¿La madre me va a pelear?
- Deja de eso, vamos a explicar a ella, está bien.
- Vamos, vamos a explicar a ella, está bien.
- ¿Ya lo has hecho eso?
- Capazi! Hablamos de eso en otro momento ...
- Chicos ... los dos chicos ya a la ducha, ¿cuántas veces he dicho que, incluso en faxinales es peligroso caminar por la noche.
- ¡Estamos indo madreíta!

- Tenemos grupos de trabajo, las oraciones, los vecinos que son amigos. Podemos construir casas y vivir en la tierra cerca de nuestros padres y ayudar a cuidar de la tierra, los animales y la naturaleza.

- Hasta casarse, no es Juan. Yo vi aquella noche de la novena, la reza en la casa de Joana. Tú y Teresita huyeron, no fui atrás porque la madre estaba con los ojos cerrados, pero me sostenía por el cuello de la camisa. ¿Ustedes fueron a dónde?

- Luizito, como estaba hablando, tú no tienes miedo, porque conoce el faxinal de hoy. Pues en aquel tiempo era peligroso.

¿Crees que yo y Carliinho estábamos, aquel que tiene una pierna más corta que la otra, volviendo de la escuela, cuando tres hombres llegaron con pistola y escopeta y dijeron:

- ¡No corran o llevan tiro!

Nos detuvimos, ellos llegaron, tomaron nuestros materiales escolares, tiraron al suelo y pisotearon.

- ¡Qué rabia Juan!

- ¡Silencio! Ahora voy a seguir contando ... Después dijeron que avisásemos a todos del faxinal aceptasen vender las tierras, o si se cambiásem. Eso si realmente amasen a sus hijos. Pronto nos autorizó que pegásemos nuestros materiales, nos mandó correr hasta nuestra casa sin mirar atrás. Si acaso mirásemos, veríamos el color de una bala.

Lo peor de todo, Luizito, y que me dio más miedo, fue que reconocí el barbudito gordito que mató a las vacas y los perros, e incluso prendieron fuego a la casa de doña Mariana y de don Pedrón. Por eso se viajaron diciendo nunca más volverían a los faxinales.

- Verdad Juan hoy el faxinal es diferente, estamos contentos. Antes era muy triste eh! Juan, este carrero esta oscuro. Cuando visitamos y jugamos con Fabito, no vamos a cortar camino. Aun más contigo contando estas historias, ¡tengo miedo de los matadores!

Baamm...

- ¡Un disparo gritó Juan!

- Aaaaay...

Mucho lloro...

- Luizito, ¿estás bien?

- ¡Sí, Juan!

- ¿Entonces por qué gritó?, casi me mató de susto. ¡No vio que fue su padre que le disparó para asustar a las palomas que comían las semillas!

Un tiro, un grito, un susto ...

Renan W. R. Lima

-!Reduzca la velocidad Juan!
- No te lo traigo más, se parece a una tortuga ...
- ¿Tortuga yo? Hablas así por qué tienen esas piernas de bambú.
- Mira, Luzito, si estoy caminando a toda prisa tengo mis razones, yo advertí que era muy lejos y luego iba se cansa y pedir regazo!
-!Regazo..., tonto!
Fueron los dos niños, con pasos rápidos, el más viejo y mayor en tamaño, mantenía cierta distancia del menor, que buscaba con cierta desesperación, andar, o mejor, casi correr para mantenerse junto en la que parecía una maratón, la mayor de las caminatas de su vida.
- Juan, no quiero su regazo,! pero estoy cansado!
- Ya he dicho, tenemos que darnos prisa,! no tienes idea de lo que los hombres armados (los grilleros) harían con nosotros!
- Grr... ¿Qué?
Olvídelo. !Esto es algo de gente grande!
El niño toma formas más rápidas de alternar las pasadas, ahora parece que va caminar por igual con su hermano.
- No puede ser ... Sè que debes estar hablando de las historias que nuestra madre y vecinos cuentan sobre las luchas para asegurar nuestros taxinales.
- Sí, es eso mismo Luzito.
- Juan, creo que la madre no lo hizo,! pero los vecinos mienten!
- No son mentiras Luz, yo mismo estuve allí en aquel tiempo. Yo era pequeña, sí, pero guardo en mi memoria todo lo que pasó. !Usted ni siquiera existía! Era muy diferente de hoy!
- ¿Cómo diferente?
- Hoy en día hay muchas violencias no ocurren más, no como antes. Vivimos bien, tenemos nuestros pollos, cerdos, vacas, caballos, dividimos la tierra y la usamos de forma colectiva. Todo somos dueños de ella, porque podemos plantar nuestro campo y crea a nuestros animales. Cercas sólo sirven para separar los lotes que plantamos para los animales no estragaren o comieren.
- Igual la plantación de maíz y frijol, no es Juan!
-!Es sí!

armados gritaban palabras de humillación y amenazas en contra sus hijos y al ver que su vida estaba en peligro toma su escopeta y vuelve al bandido y apríeta el gatillo. El ruido rompe el silencio y la tranquilidad del lugar. Al ver que le había pegado a uno de ellos, corre tan desesperada y se esconde en su casa, aterrorizada, con un sentimiento de temor por las amenazas y el horror de haber golpeado a una persona.

Esos recuerdos hacen con que las lágrimas corran por sus mejillas y sollozos salgan de su garganta.

Unas horas más tarde recibe la noticia que le acompaña y aterroriza hasta hoy, el tiro fue preciso y llegó a los más temidos de la región que cayó en el medio del camino, en aquella mata pacífica, pero a partir de ese momento está marcada para siempre en la memoria y en la vida de esta mujer guerrera y luchó con determinación para defender a su familia y sus tierras.

El paseo continúa y cuando llegamos en una curva, un pequeño carrero Doña María reanuda la prosa muy emocionada porque su memoria viene en momentos de gran terror. Cuenta que en un día soleado caminaba solita y cuando estaba cercano a su casa, encontró unos hombres armados con escopetas, todos con expresiones de odio. Le rodean, iniciando insulto y la amenaza, diciéndole que, si ella y su familia no dejasen ese lugar en 24 horas, ellos no tendrían más posibilidades de elección, amanecerían con la boca llena de hormigas. Como doña María sufría constantes amenazas cargaba cerca del cuerpo una vieja escopeta que creía ni funcionaría más. En un momento de desesperación cuando se enteró de que los hombres

relación que las familias tienen con el medio que viven. Para las generaciones futuras. Está clara en su discurso acerca de la bosques y el agua como patrimonio del pueblo y como el mejor legado este pueblo. Nos habla de la importancia de la conservación de la salud de las personas, la llamada medicina popular y la cultura de hablando de los problemas de los efectos positivos de las plantas para por taxinales, donde seguimos viendo las bellezas del lugar, siempre cotidiana. Vivimos en tiempos de miedo. Don Juan nos invita a caminar amenazas contra nuestras vidas se convierten en una realidad todas las familias que viven aquí vivan sin tierra para sobrevivir. Las en la región, poniendo fin a los bosques y la biodiversidad, y hacer que para explorar la venta de la madera, ya que son dueños de la madera explorar la tierra y los recursos naturales. Quieren derrocar a los bosques tiempo y necesitamos la tierra para vivir, mientras que sólo quieren de la tierra aquí, pero en realidad estamos aquí desde hace muchos amenazando y queriendo expulsar la familia diciendo que son dueños años nos hacendados ha estado tratando de sacarnos de la tierra, - Sin embargo, nuestra vida ha sido muy difícil, ya que hace unos

Y nos dice:

nuestras vidas. La preservación del medio ambiente que es tan importante para bosques para sobrevivir, esta extracción se realiza siempre pensando en árboles abajo porque nos damos cuenta de la importancia de los frutos que caen de los árboles de pino en periodo de producción sin del medio ambiente, y también vendemos el pino recogido de los sembradas a lo largo del bosque para ampliar la renta y la preservación volver a brotar y producir el próximo año, también otros plantulas son nativas, respetando el corte para que las plantas puedan germinar y

Vida en los Faxinales

Miriam Maria Kunrath

Quien entra en un faxinal envuelto de la armonía entre la naturaleza la gente no puede imaginar la intensidad y los misterios que rodean la vida de los lugares. La lucha por la tierra entre terratenientes y faxinalenses marca la vida de los campesinos que viven allí.

En una soleada mañana de verano, un grupo de amigos reciben una invitación a conocer la experiencia de la vida de los pueblos tradicionales que viven en un faxinal en el interior del Paraná. En la llegada el grupo se baja del autobús y de inmediato se encanta con la belleza del lugar, comienza a caminar por un camino de tierra rodeado de bosque nativo, con frondosos árboles que ponen de relieve el símbolo de araucaria de Paraná, yerba mate y una gran variedad de plantas raras. Los sonidos de las aves refuerzan el ambiente de paz y armonía, que se une a la presencia de animales de la familia, como el ganado, aves de corral, ovejas.

Cuando nos acercamos a la casa de una de las familias que viven allí vemos la figura de una mujer de baja estatura, con un precioso pelo largo y negro en contraste con su piel quemada por el sol, con una expresión en una mezcla de alegría y de inseguridad por nuestra presencia. Ella sale en el patio para saludarnos en señal de bienvenida. A su lado estaba su compañero, un hombre de mediana estatura, delgado, una cara sufrida, pero con una serenidad expresa en su mirada, con el machete en el cinturón, su fiel amigo. Así se presenta la pareja inicia un diálogo decimos cómo es la vida allí, en ese lugar. Doña María nos dice:

- ¡Aquí la vida es muy simple, sacamos de la tierra el sustento para nosotros y nuestros hijos!

Continúa:

En los últimos años hemos tenido momentos de gran sufrimiento en esta tierra, cuando venimos a vivir aquí fuimos organizando nuestra producción dejando los animales en el pasto que es en un área común a las familias que viven aquí, con pasto, con árboles, donde los animales viven sueltos en armonía con la naturaleza. La base de nuestra renta es la producción de carne y la extracción de yerba mate de plantas

La expresión de asombro tomó cuenta de los alumnos y un profundo silencio se hizo en el bosque, siempre y cuando oía el grito de los grillos que anunciaban el resplandecer de la vida en aquel Faxinal. Don Pepe pidió disculpas a todo el mundo porque no se imaginaba que Ana podría aparecer durante el día, pero aún en la presencia de visitantes.

La historia contada por don Pepe suavizó el golpe, pero provocó lágrimas en algunos de esos rostros que no saben qué decir a mi dueño, pero una cosa era segura todos estaban indignados por la crueldad causada por la ambición del hombre de apropiarse de la naturaleza, colocándolo como un objeto y el ser humano como una cosa que sacar del camino.

Hasta entonces, estas personas decidieron regresar a mi casa y tomar un aperitivo antes de regresar a sus hogares. No podían esconderse de mí y mi familia las señales de preocupación por lo sucedido, el silencio indagaba piedad por el sufrimiento, se mostraban dispuestos a ayudarnos, pero no lo sabían cómo.

Todos comían serenamente, algunas voces salían de la garganta de los más charlatanes. Los miré mientras comía la vajilla junto con los otros, cerdos de la familia, quería entender por qué tanto interés en nosotros, simples faxinalenses.

Después del almuerzo, en la despedida de los visitantes que habíamos conocido a unas pocas horas, me pareció que hacían parte de nuestra vida. Una explosión de expresar que habían disfrutado de la visita, realizaron una cita con mi familia. Que, a partir de ese día, la educación de faxinalenses sería una de las demandas políticas, una bandera de lucha sería levantada por ellos, en todo acto de cobrar una educación de calidad para todos los pueblos del campo.

Don Pepe bajó la cabeza y se quedó en silencio durante unos segundos, las señales de preocupación tomaron su rostro y la agonía causaron una sensación de desconianza en los visitantes. Una voz salió de la garganta, que insistió en prender las palabras de la boca don Pepe. Todas rápidamente lo rodearon para comprender lo que había ocurrido allí. Hasta que, en ese momento, oyó:

- Pensé que no había necesidad de decirle, pero no imaginaba que la luz del día ella apareciera.

Los profesores ansiosos de saber lo que iba a ser eso, luego lo preguntaron a don Pepe:

- ¿De quién es este grito don Pepe? Por favor díganos que no podemos dejar que nuestros estudiantes corran riesgo.

Mi dueño respiró, se puso las manos en las caderas y truncó el censo.

- No hay necesidad de tener miedo, yo voy a contar todo.

- Durante más de 80 años cuando mis padres llegaron aquí, había muchos hombres armados de la madenera de la región. Querían explorar la tierra para eliminar la madera para vender, pero sólo como la gente tiene como costumbre recoger lo que la naturaleza nos da, mis padres no entraron en ningún acuerdo para dejar la madenera en estas tierras. La revuelta del dueño de la madenera se volvió en contra de muchas familias y, especialmente, en contra de mi familia. Mis padres resistieron a las trampas hechas por hombres armados, pero en un día lluvioso cuando mi hermana corría por el bosque para recolectar pihones, los hombres armados se reunieron con ella en el camino que conectaba la casa con la mata. Ella estaba acompañada por Rabićo nuestro cerdo doméstico, cuando se hizo dos disparos en la espalda, los pistoleros al darse cuenta de que estos acertaron Ana desaparecieron rápidamente en la capoeira. Ella intentaba huir en busca de ayuda hasta la casa, no llegó a tiempo y terminó cayendo cerca de un árbol y se aferró en el tronco, en un intento de protegerse si los pistoleros regresasen.

Don Pepe continuó contando que Ana no sobrevivió y murió en pocas horas. Ellos fueron descubriendo que Ana estaba muerta cuando llegué sin ella en la casa, ya que estaba siempre cerca de su familia cuando salía a recoger frutos, luego sospecharon que algo le había sucedido a Ana. Desde ese día en el caer de la noche se oye en el bosque cerca del pie de la yerba mate en el que Ana cayó al morir un doloroso grito que anuncia el recuerdo de aquel día terrible.

Jaqueline Boeno D'Ávila

En esa época yo vivía en un Faxinal cuando un grupo de estudiantes decidió visitarnos. Recuerdo de este día, el olor de la tierra mojada por el rocío nocturno, los rayos del sol, todavía tímido gradualmente se metió en el bosque lleno de pinos y pies yerba mate. El viento agita las ramas de los árboles y el ladrar de los perros anunciando la presencia de extraños en estas tierras fértiles símbolo de disputa entre faxinalenses y madereros.

A su llegada los visitantes perciben la existencia de una pequeña casa amarilla rodeada de pinos, cuando apareció en la puerta una mujer con el pelo negro y una mirada profunda que transmitía el dolor y el sufrimiento, de hecho, la vida dura del campo. Era mi Señora, que para aquellas personas que aparecieron como una figura misteriosa, que en los enfrentamientos no huyeron de la pelea, fuera hombre o mujer. Mi dueño conocido por todos como Pepe, de más edad llevaba un machete en la cintura para emergencias. Un hombre de pocas palabras, pero conocedor de la naturaleza como nadie al alrededor.

El sonido de correr de ganado bovino y porcino, en torno a esas personas entran, que había advertido días antes de que mis propietarios que haría una visita para conocer el Faxinal donde vivíamos. En compañía de mis dueños, nos adentramos en el bosque para presentar esas curiosas especies de animales y plantas, que brillaban allí. Aquellos alumnos admirar la inmensa magnitud del peculiar paisaje ante nuestros ojos de residentes.

El bosque que nos rodea parecía nos tragar cuando de repente algo nos sorprendió a todos. Oímos un grito desesperado que viene de la selva rodeada de pinos. En aquel momento, un escalofrío le recorrió la espalda de aquellos sujetos que estaban perdiendo tal agonía expresa en aquel grito. La desesperación se apoderó de todos, y en un intento de controlar el tamaño de asombro, los profesores pidieron para que nadie se separase del grupo hasta que pensasen lo que harían para evitar que algo terrible sucediese con los estudiantes. Uno de los profesores indago a mi dueño:

- Don Pepe ¿qué es? Suena como un grito de una persona que viene de la selva.

Después de algunas centenas de metros, se deparó a una tapia. Mismo sin hambre, los frutos caldos del otro lado le despertaron gula. Forzó el cuerpo contra el alambre, pero a la menor señal de dolor, desistió.

Desapresuradamente, caminó en otra dirección, aunque sin rumbo, sin anhelos. Al sentir el aire gélido del fin de tarde, decidió volver. Y lo hizo sin problemas, en algunas horas estaba devuelta al ambiente que le era común.

Sin él saber cuántos, los días se pasaron. Y en una tarde tan soleada como la de otra, y quizás el propio sol fuera el motivo: tras beber agua, en su casi inconscientemente vino la imagen de la fruta. Y sin entender: el fruto caído estuviera allí adelante por un breve instante, y de algún modo fue para otro lugar. Su deseo despertó, y de alguna manera se acordó o creyó acordar, el camino para llegar hasta el dicho alimento.

Bajo el sol, caminó. Caminó hasta el sol cubrirse de nubes, y tales nubes derramaran agua en gotas. En el intento de protegerse, vio una rara área cubierta y, sin nada reflexionar, entró en el local.

De entre todo que estaba allí, ya común a él, vio el raro ser. Tuvo de inclinar la cabeza para arriba para escudriñarlo en los ojos. Y al hacerlo tuvo como respuesta un aliento caliente que le dio el reflejo de ir para lejos. Y fue, para el otro lado de la barraca.

Después de la noche mal dormida, en el ambiente raro, al ser despertado por un alto ruido, que le asustó, se levantó del suelo ya corriendo. Siguió de este modo, metros sin rumbo, parando solamente cuando vio algunos de sus mismos, alimentándose. Y entre ellos, puso la cabeza y, despreocupado con el sabor, comió por comer. Dejando el soporte de alimento vacío tras haberlo dado la vuelta con los hocicos. Siguió sin rumbo.

Supo volver al espacio que le es común. Pero una segunda vez, salió sin destino. Después, lo hizo una tercera, y algunas otras, de tiempos en tiempos. Sentía ganas de eso, sin siquiera entender que es ganas. Descubrió, sin querer, que su aspiración es el mundo, sin saber su dimensión. Su mundo es el Faixinal, y el Faixinal es el mundo.

Eduardo Maciel Ferreira

El viento corre libre. Cruza océanos, atraviesa ciudades enteras, salta tapias, transpone obstáculos. El viento es tan libreto que, al prenderlo, deja de serlo. Pero en este mundo libertad es excepción, no regla.

Mismo lejos de ser viento, él corre. De a poco se cansa. Anda más que corre, de hecho. Ese sin nombre es curioso. Mismo en la falta de grandes hechos intelectuales, uno de ellos es lograr notar los pequeños cambios que pasan a su alrededor. Y como le gusta observar que la naturaleza, a pasos cortos, se modifica. Y con ella, sí mismo. El árbol que otra le diera una sombra fresca en los días cálidos, ahora caído, no ofrece sombra alguna. Y su lugar favorito ahora era otro, siempre otro.

En el anhelo del descanso al cuerpo saciado, anda. Buscaba la satisfacción de la insatisfacción. Anduvo. Conoció los alrededores del local donde le servían alimento y que, por eso, era el local adonde siempre volvía.

Cierto día, bajo el cadente sol, con la piel quemada, él buscó refugio, como era de esperarse. Y el local elegido trajo, a los oídos desatentos del ruidoso animal, el sonido del agua corriente. Por un breve instante, silencio para oír y, por primera vez, imaginó. Oír, y siguió el sonido del agua. Hasta el momento de encontrarla se quedó con la boca salivando. Al aproximarse, sin asco o vergüenza, bajó el cuello, y con él la cabeza, y bebió. Saciado, sintió un placer en tener los pocos pelos alrededor de la boca húmedos por los momentos siguientes. Segundos después, intentó repetir la sensación, lamiendo estos pelos, pero como la humedad de la lengua es más caliente que el agua del arroyo, no titubedó en tal estímulo. Ahora, con la cabeza erguida, mirando entre los árboles, se olvidó de eso.

Escudriñando por breves segundos el vacuo de los rayos de luz que cruzaban los árboles y golpeaban en su gran iris, sintió ganas, ya que sin amenazas no necesitaba coraje, de cruzar el arroyo. Y lo hizo, en un mixto de curiosidad y aburrimiento.

un joven, su vecino, que fuera muerto con más de treinta tiros, por los mismos hombres. En el desespero, ella lanzó mano de una garrucha, que llevaba consigo, y dio un tiro certero, acabando con la malada de aquel hombre.

Al volver a la ciudad, ya en la posada, todos vuelven para sus habitaciones asustados con las historias que oírán. Al llegar al dormitorio, al final del pasillo, Sofía y Joaquina encontraron Zuleica, desesperada con el desaparecimiento de algunos de sus "perteneces", según ella no sería la primera vez que eso ocurría. Intentando ayudar aquella mujer, las jóvenes, decidieron que pasarían la noche despiertas para ver se descubrirían cual sería el misterio de estas desapariciones.

Todo transcurrió tranquilamente, hasta que empezaron a ocurrir cosas raras en aquel sitio. Cuando todos ya dormían, oían ruidos, puertas se abriendo, pasos que subían las escaleras y seguían por el pasillo en dirección a los dormitorios. Inicialmente nada de anormal fuera percibido. Pero, después de algún tiempo y como los ruidos no cesaban, las jóvenes decidieron salir del dormitorio e investigar lo que realmente estaba ocurriendo. Sigueron por el pasillo que quedaba en una escalera la cual llevaba hasta el comedor, todo estaba oscuro, asustador. Solamente la luz de la luna reflejaba por entre las cortinas, pero con poca luz, avistaron un bulto como se fuera una sombra, que pasó y salió puerta afuera. Apavoradas, las jóvenes retornaron a su dormitorio, donde permanecieron hasta que los primeros rayos de sol adentrasen en aquel ambiente.

Se cuenta que, en aquel sitio, hace tiempos, una joven humilde, de aquella región, fuera sorprendida revirando perteneces de los huéspedes, desde entonces, nunca nadie más supo de la referida joven, y perteneces de los huéspedes desaparecen misteriosamente durante la noche.

El misterio del "dormitorio Cuatro"

Elida aparecida Bortoluzzi

Era mes de enero, el sol escaldante invitaba para un paseo en las aguas. Una pandilla de amigos decidió hacer un viaje que hace tiempos estaba planeado, conocer un faxinal que segundo oían hablar sería un sitio agradable en medio a la naturaleza. Este equipo de amigos eran estudiantes de un curso de Licenciatura advenidos de varias ciudades del interior del Paraná. En una bella mañana de sábado partieron con destino a este sitio que quedaba a algunas horas de allí.

El equipo de amigos estaba ansioso por saber si las historias que irían oír de los faxinalenses durante la visita eran verdaderas y de acuerdo con lo que oían de dicho "señor" que fue invitado a ministrar una breve exposición de los fatos a los estudiantes antes del viaje. Este, contó que en aquel sitio ocurrieron cosas horribles con las personas que allí vivían en confronto con propietarios de una maderera, que a menudo hacían amenazas a las familias, hasta que un día una señora no aguantando más tanto sufrimiento, decidió poner un fin en aquella situación.

Al llegar al faxinal, quedaron encantados con los vivientes de aquel sitio, después de la charla del día anterior quedaron preocupados con lo que encontrarían en aquel sitio. Percibieron entonces que las personas de allí eran muy humildes, amigas y que no necesitaban de mucho para ser feliz, solamente de un trozo de tierra en medio a la naturaleza con la cual sabían convivir de forma sorprendente siendo que retiraban de allí su sustento sin agredirla, de este modo hombre y naturaleza conviven en armonía.

En medio a enormes araucarias, pies de yerba mate, naranjos y pies de melocotones es que estaba construida la casa donde esos jóvenes estudiantes fueron muy bien recibidos por una simpática pareja, don Jonas e doña Laura, que al largo del día les contaron historias sorprendentes como esta contada por Doña Laura.

Cierto día, estando ella con su nieto en una "callecita" que llevaba hasta su casa, un hombre empleado de la maderera nuevamente volvió a hacer amenazas, diciéndole que iría aprehender y torturar su nieto en su frente hasta la muerte. En este instante, vino en su memoria todos los hechos ocurridos hasta entonces, como la muerte de

asustada, despierta a su hermana, así que se visten y se van a la escuela. Al llegar allí encuentran toda la clase emocionados por el viaje, el autobús y segúan.

Después de dos horas llegan al sitio que esperaban conocer, encuentran la pareja que vive allí esperándolos con mucha animación, en el huerto forman una rueda, en la que todos escuchan con atención las historias contadas por don Juan y doña María. Los niños se sorprenden y fascinan por las hermosas batallas enfrentadas allí y empiezan a llorar de emoción darse cuenta de que las luchas fueron necesarias para preservar aquel hermoso lugar donde los animales viven sueltos, los pájaros cantan y la naturaleza vive feliz.

Y Any darse cuenta de que muchas veces los sueños son tonterías de la mente de un niño preocupado y ansioso por el día siguiente, los dos vuelven a sus casas realizadas y orgullosas de conocer un lugar tan hermoso que trae tantas historias que se registran en la mente de las hermosas chicas durante muchos años, cuyas todavía tienen mucho que aprender y vivir.

tener miedo y temer por la clase, ella había sido informada de que la zona era segura, pero el miedo tomaba cuenta.

Entonces surgieron del bosque, varios hombres armados que amarraron a todos a los troncos de los árboles, sin hablar una palabra lo que los hacía más terrible.

Y allí se pasaron cuatro o cinco horas todos atados, sentían hambre, sed, frío y mucho miedo, porque ese lugar era terrible, no pasaba un alma viva para salvar a ellos y el temor de que serían asesinados y nunca más volverían a sus hogares hacía con que todos entrasen en desesperación y comenzasen a gritar y llorar clamando a Dios piedad.

De repente oyeron un ruido, el ruido de la carretera, pensaban que Dios nos proteja, vinieron nos matar o son animales salvajes que vinieron a devorarnos. Eran los hombres armados que llegaron a llevarlos al cautiverio, cuando estaban listos para ser llevados, todos atados en una fila, algunos hombres salieron del bosque armados con hoces y machetes, eran los hombres del Fajinal que nuevamente trabarían una batalla para salvar aquellos seres inocentes.

Una pelea muy arriesgada y ponía a todos en peligro, pero necesaria para salvarlos, entonces los estudiantes y la profesora estaban tratando de desatorarse mientras que los cuerpos heridos caían al suelo. Como si de un milagro se logró saltarse y sin que los pistoleros les viésen abandonar el lugar, y consiguieron llegar al autobús y volver a la escuela, dejando atrás ese terrible lugar.

Al llegar a casa, seguras, pero aún con miedo las hermanas ni siquiera podían creer lo que habían visto. De repente recibieron una llamada donde se enteraron de que casi todos los hombres que lucharon por sus vidas estaban muertos y que la comunidad del fajinal fue de nuevo escenario de una lucha feroz donde incontables inocentes murieron. Como resultado de toda la batalla, muchos muertos y heridos, los últimos habitantes dejaron el lugar por temor que nuevas tragedias ocurriesen y la comunidad fajinense fue abandonada, cubierta por la desgracia, lugar oscuro y vacío herido por las escenas de terror que marcó la vida de los habitantes y de esa clase, que pasarían el resto de su infancia con esas terribles imágenes atormentando sus mentes.

Como un relámpago Any despierta. Ella se sienta en la cama y rápidamente se da cuenta que todo aquel horror vivido, no pasaba de un sueño pasajero, imaginaciones de la mente de un niño. Un poco

Luchas enfrentadas por la vida

Denise Terres Moreira

Al atardecer de un día de lluvia, estaban en su habitación las hermanas Isa y Any, inquietas por la noticia de un viaje con una clase de 5 año de la escuela.

La profesora Estela no había dado detalles sobre lo que iban a ver, sólo que conocerían a unos taxinales. Ansiosas para que la noche pasase rápidamente y pronto amaneciese el día, se fueron a dormir temprano. Pero la noche fue larga y angustiosa, como los sueños horribles que terrorizaban la mente de las pequeñas donde el miedo y la desesperación estaban tomando cuenta. El miedo y el temor de cómo sería. Y entonces empezaron a imaginar un lugar de bosque denso, lleno de animales salvajes, lugar oscuro y lleno de peligros. Las niñas todavía muy nerviosas, su cuerpo temblando y sudando las manos frías, fueron a la escuela y junto con sus compañeros subieron al autobús que los llevaría al temido faxinal. El día estaba nublado y frío, y el viaje fue muy largo, cada enrucijada sentía una sensación de miedo y tensión, los caminos eran de tierra interminable.

Durante el viaje las chicas compartieron sus temores, preocupaciones y sueños asustadores, sentían escalofríos y temblores invadieren su cuerpo. Después de recorrer unos 100 km de caminos llenos de baches, llegaron al destino esperado que era conocer a un Faxinal.

Con el pasar del tiempo, fueron conociendo a los lugares, sintieron ganas de alejarse de aquel lugar, salir corriendo y volver a la casa. Todo este miedo tenía una razón, ese lugar era conocido por haber sido escenario de sangrientas y cobardes batallas de disputa de tierras. Las historias contadas por el residente Alfeu dejó a todos ansiosos, y ellas comenzaron a imaginar que todavía podría existir allí fantasmas de los muertos injustamente clamando por justicia.

A continuación, la profesora ordena un paseo para visitar el lugar y a pesar del temor todos estaban de acuerdo en seguir adelante. Cuando entraban en una selva el corazón de las niñas disparó, comienzan a oír ruidos, el viento aumentaba haciendo un ruido que dejó a todos terrorizados. Entonces la profesora también empezó a

Después de mucho caminar encuentra una vieja cueva resbaladiza como una vieja armario con unas pocas gotas de agua que parecía un sonido melancólico , pero relevante para los oídos , para saber por qué se tardó para explorar mejor el nuevo ambiente , que había caído en desgracia, sin saber dónde salir, entonces caminó durante unos minutos en la cueva oscura en el interior hasta que encontraron una diversidad de animales, plantas y reservas libres , se sorprendió el corazón disparó , sintió el aire de la libertad y el sonido de los bosques y las aguas y aprovechó para viajar al sueño que le acompañó durante todo el viaje.

Lara se despertó de su sueño, y observó que estaban llegando al final, un lugar hermoso para vivir. Nos bajamos del bus y pronto fue atacado por hermosas mariposas volando sobre el bosque y sol brillante.

Premisas de un Sueño

Débora Duarte

Una mañana soleada Lara decidió visitar un lugar llamado Faxinal situado en el Piñón en las extremidades norte, lejos para ver el camino que no terminaba más y sus amigas que lo acompañaban ya estaban cansadas de ver las rocas de la selva que cubría todo el paisaje.

Durante el viaje el corazón de Lara comenzó a latir tembloroso por el ruido que escuchaba en el camino y fueron horas de viaje entre los bosques. Su cuerpo comenzó a temblar como un palo al acercarse al lugar de lo cual escuchó historias de la noche anterior y se deparó con la ansiedad que le esperaba como pino inmenso en el cielo tranquilo.

El hermoso brillo del cielo azul para llegar al lugar Lara admirada comenzó a mirar todo con mucho cuidado sobre el encanto del lugar parecía estar rodeado de bosque exótico negro y de repente apareció extraño piñón a lo largo del camino que se acercaban lentamente, parecían extrañas apariciones con un brillo lujoso con formato pequeño, en cada paso que Lara daba los pequeños brillos le seguían.

Asustado por el piñón Lara se acercó a sus amigas y sorprenden a todos con una ligera palidez, pero pronto se convirtió en familiar al escuchar el sonido de los árboles negros que sacudieron con el soplo del viento, después de mucha discusión y curiosidades, bajan en otra casa que hace mucho tiempo que no era visitada, en el momento de entrar por la puerta no se dieron cuenta de que había dos alas a diferentes lugares, pero en la prisa de conocer acabó pisando en una de las alas y se cayó en un valle con esculturas de animales extraños en paredes que parecían no tener fin, preocupados por quedarse atascado comienzan a caminar a largos pasos en la velocidad del viento fresco de la oscuridad.

Intimidado, corrió hasta la primera entrada del valle ansiosamente escuchó ruidos repentinos que cuanto más tranquilo eran sus pasos más se oían sonidos. Poco a poco fueron se acostumbrando a las paredes de los bosques y los animales que imitaban los movimientos lentos y espasmódicos, que les acompañaban por el valle. Pero se dio cuenta de que el piñón brillante le acompañó.

maestra "Sintaxe" es bruja? ¿Será que ella es del niño que realizaba brujería? ¿Será que brujas existen? ¿Será la misma imagen encontrada? Dudas estas que precisarían de un estudio más profundizado, pues mismo con la pesquisa de la "Campesina" el misterio no había sido aclarado, al contrario, más personas se interesaban en saber lo que era tal marca, pero nadie tenía coraje de preguntar al mestre "Sintaxe de la Gramática" el motivo por lo cual aquella figura hacia parte de sí. Pues entendían que podría ser una afronta al "Pie Rompido", y se este se entadase podría llevar el alma de un curioso para el infierno, muchos se acordaban de la máxima: "La curiosidad mató el gato", entonces es mejor no arriesgar.

Con la curiosidad recorriendo algunas mentes y en un rato oportuno, creyó tener el "cuerpo cerrado" indague la pequeña grande maestra en aquel día de bellas, tristes y horripilantes historias relatadas en el "Faxinal de la tranquilidad":

- Sintaxe de la Gramática, perdóname por la curiosidad, pero ¿lo que significa el tatuaje en sus espaldas?

Un silencio se hizo presente y pudo observar que, respiraciones se aprehendían, ojos se arregallaron y corazonces latían en la espera de la respuesta.

- Reliquias de la Muerte, este es el nombre, "Zê do Mato", de este tatuaje que mandé hacer, tiene que ver con las sagas de Harry Potter.

Los académicos se miraron, algunos dieron una sonrisa distraída y no se alentarón a hacer más cuestionamientos. Uno a uno, fueron retrayéndose del círculo y adentrando en el autobús, pues la visita faxinalense había llegado a su fin.

- Espero, espero el tiempo necesario para tenerla a mi lado.

Pero rápidamente, el observador y defensor de la integridad del bien comunicó vía mensaje de texto por medio del teléfono móvil el riesgo que la "Agroecología" estaba corriendo, pues percibió que el diálogo establecido no era entre "Sintaxe de la Gramática y la "Agroecología", y sí el "Diable" revestido y aprovechador de la materia humana para encontrar un alma pura.

Los comentarios fueron se esparciendo y la curiosidad a los pocos fueron tomando cuenta de las mentes fértiles y hechizadas por el pacto de la "Sintaxe de la Gramática" con el "Diable". Eso se ha hecho necesario un ratiño de pesquisas en las redes sociales para saber el significado de aquella tan rara figura tatuada en dirección a los pulmones de la profesora. Así siendo, conclusiones serían sacadas a partir del conocimiento del significado de la imagen curiosa.

Muchos se preguntaban, ¿será que ella es masónica? ¿Será que ella vendió sus pulmones al "Diable"? ¿Será que el "Diable" esta usándola para llevar algún de nosotros? Eso estaba atormentando muchas personas, a mi no, pues yo no creía en brujerías.

"Campesina", niña curiosa, medrosa, sonámbula y religiosa acató la tarea y apellando al "Santo Google" descubrió el nombre y el significado de la imagen misteriosa.

- Reliquias de la Muerte, es eso mismo, Reliquias de la Muerte tiene relación con sagas y seres de un niño brujo.... Dijo la "Campesina", arregallando los ojos.

"Campesino", aprovechése del sentimiento de miedo de la asustadora fotografía de Sebastián Salgado, vía "Bluetooth" la cual enseñaba una niña de ojos grandes y observador, para alimentar aun más la sensación de miedo de la pobre curiosa y asustada "Campesina".

- ¡Mira! el modo como esa niña está mirándote. Dijo el "Campesino" notificando "Campesina" por mensaje de texto.

- No lo sé esta niña no esta poseída por el "Diable", pues tú estás buscando en la internet la parecería de él con la profesora, el mismo puede muy bien quedar enojado con eso y se materializar en esa fotografía. Afirmó el jugador "Campesino".

"Campesina" trató de ir encerrando su pesquisa y quedó a observar la niña de la fotografía y se dio cuenta que muchas otras intenciones podrían ser creadas a partir de la pesquisa, ¿será que la

Reliquias de la Muerte

Charles Vieira

En aquel tiempo yo estaba estudiando en Guarapuava, hacia un curso de graduación en la universidad y no creía en brujerías. En una mañana de viernes realizamos un paseo en "Faixinal de la tranquilidad", y junto con nosotros fue una figura de cerca de un metro y medio, un ser de una sabiduría incomparable. Algo parecía anormal en su modo de ser, una mirada fija, sus movimientos ligeros y la forma de observar un tanto sorprendente. La figura de una postura elegante y retentora de misterios. Con el calor de la mañana de verano calentado por el sol de enero y después de un largo paseo la figura se encuentra en la situación de sacar su abrigo, lo que cubría sus hombros. Estes al ser en desnudos revelan una marca, tal vez un tatuaje un tanto misterioso.

De repente, un viento frío que circula en el ambiente, algunos ojos se encontraron y un momento de silencio pasó en ese espacio. Incluso parecía que había presencia de fuerzas naturales, pues venía el sonido de una música desde el interior de la mochila de "José del campo" (Pepe del Campo).

"Pepe del Campo" relaciona lo ocurrido con el misterio cravejado al lado derecho de las espaldas, en la altura de los pulmones de la maestra "Sintaxe de la Gramática".

"Campeño", menino observador cochichó con "Pepe del Campo":

-Eso es cosa del "Diablo", pues la imagen que esta expuesta en las espaldas de la profesora parece ser una señal de pacto con él.

"Pepe del Campo" arregaló los ojos y quedó atento a todos los movimientos de la juzgada "poseída" por el poder del "Cosa Ruin".

No se pasó mucho, se constató una situación comprobatoria de que había allí un misterio, pues "Agroecología", niña pura, sabia, de raciocinio rápido, de clara y lista comunicación, se manifestó diciendo:

- Profesora, no estoy consiguiendo acompañar la caminada, estoy cansada, ¿me lo podrías esperar?

En un acto repentino, de una destreza sin igual la "poseída del saber científico" se dirigió a la "Agroecología" diciendo:

Lograron el reconocimiento a través de la Comisión Nacional para el Desarrollo Sostenible de los Pueblos y Comunidades Tradicionales - CNPCT, que tiene una representación, elaboraron, discutieron, argumentaron en la Asamblea Legislativa del Parand y varios ayuntamientos las leyes municipales de reconocimiento social. Por lo tanto, son sujetos del campo y de la educación del campo.

Creo que los actores de la educación del campo deben conocer los diversos sujetos sociales que componen la historia de lucha en el campo del Parand y región centro oeste, donde la Licenciatura en Educación Rural, por la Universidad Estatal del Centro Oeste. Obviamente que este escenario, del campo no está en los cursos de graduación, postgrado, maestría y doctorado están en la capacidad personal para buscar, conocer y entender estas relaciones sociales. Apuesto mucho que todo sujeto del campo que está en la universidad precisa escribir, estudiar y compartir el conocimiento de su comunidad, movimiento, organización. Si no lo hacer, nadie lo hará. Buena lectura a todos y todas.

!En la lucha por la tierra, nacimos faxinalenses!
!Nacimos Faxinalenses, en la lucha por la tierra!

Francisco Beltrán, 21 de mayo de 2013.

José Carlos Vandresen

generación en generación, resistente a los modelos de producción muy técnicos, pero que se ha transformado como una forma de mantenimiento social, cultural, económico y ambiental de la comunidad.

Con estos lentos se pueden ver las manifestaciones, aunque sea pequeña, de una cultura presente en este modo de ser y de actuar de los sujetos, los faxinalenses, también sus necesidades y conflictos. El faxinal como una forma de vida trae rasgos culturales de cientos de años, es parte del contexto histórico de la vida en el campo, en el Paraná.

Son pueblos que estaban en el camino de los "colonizadores", cuando fueron abiertos los caminos abiertos por el Paraná. Tiempo de gran extracción de yerba mate y la instalación de fincas ganaderas en la región de los Campos Gerais, Guarapuava y Palmas. Período que muchos pueblos indígenas de las naciones Kaiingang, Guarani y Xetás, fueron utilizados como mano de obra esclava. Pero, que en la mata se encontraban condición de retirarse, vivir y construir sus comunidades.

Tal vez no podamos enumerar las veces que estos pueblos repitieron el acto de buscar lugares donde los bosques eran más densos con el fin de defender sus comunidades buscando. A medida que más caminos eran abiertos, cuanto más la naturaleza era robada, más negros e indios encuentran en el bosque espeso lugar para ahuyentar al peso de la esclavitud.

Por lo tanto, la mezcla de pueblos y la necesidad de supervivencia y la práctica de pastoreo hecho en los "campos" fueron formando los pueblos que hace unos años asumieron la cultura "faxinalense".

Algunas regiones fueron festivos de una adaptación de los colonizadores a la cultura nativa, haciendo la limpieza de los bosques para la cría, con el fin de sobrevivir. Identificando los grupos étnicos y culturales, de indígenas y quilombolas hasta ucranianos y polacos las formas de vivir del "faxinal".

Pero la identidad colectiva de los faxinalenses se fortaleció cuando sus propios sujetos, acercándose a sus realidades, conflictos y descritos se organizaron en la Articulación Fuxirão de los Pueblos faxinalenses - APF, en agosto de 2005.

La autodefinición por ellos asesoradas que accedió fue organizando agendas, preparando expedientes, informes, estudios sociales, cartografía y mapas sociales que identificaron al menos 227 faxinales en el Paraná, de los cuales más de 30 cuentan con el reconocimiento del Estado como zonas especiales de uso regulado - Aresur y 3 están en proceso de creación de las Reservas de Desarrollo Sostenible - RDS en el Instituto Chico Mendes.

Al escribir este prólogo muchas veces no defuvo la emoción, recordando las veces que estuvo junto con la clase de licenciatura en Educación del Campo de la Unicefro. Pero, la emoción fue de gran alegría en participar en esta clase de campo en el Faxinal Bom Retiro-Piñón-Parandá.

Estoy seguro de que estos cuentos son la materialidad de la atención, la alegría, el entusiasmo y el compromiso emitido por cada estudiante y los educadores a los hombres, mujeres y niños faxinalenses. De forma especial la familia que recibió la clase expuso su vida, su experiencia, su relación con el ambiente, sus conocimientos tradicionales, sus debilidades, sus conflictos y sobre todo la forma simple y alegre de una familia que vive en Faxinal Bom Retiro, distante 40 kilómetros de la sede del municipio de Piñón, región del centro oeste del Parandá.

"No cambio el faxinal por dinero alguno, mucho menos por otro lugar en el mundo", es un discurso de una, entre muchas otras familias, que su proyecto de vida está en el campo.

Por lo tanto, la "cultura faxinalense" está viva, pero no es la única. En cada lugar, municipio y comunidad se diferencia en los cultivos, en la organización, la producción, en la oración, en los acuerdos comunitarios en la relación con los gobiernos, etc...

Para muchos es una cultura desapercibida, por otros ignorada, despreciada, incluso criminalizada y hasta calificada como retrasada. Muchas veces preguntados sobre lo que une a las comunidades faxinalenses del Parandá, sus líderes no refutan en decir, "los conflictos", que son prácticamente los mismos en todas las comunidades.

Tal vez el "uso común de la tierra" ya no sea una suposición única para identificación del faxinal o la cultura de un pueblo faxinalense, que también se puede ver en la forma de crear a los animales, cuando creados desatados en los potreros y mangreronas en los creadores abiertos o cerrados (SOUZA, 2009) y en la integración de la creadora con las áreas de cultivo.

Esta comprensión nos obliga a un ejercicio muchas difícil de hacer, cambiar las lentes que usamos para ver ciertas situaciones. En este caso, con las comunidades de pueblos del faxinal podemos ver diferentes formas de representación social y económica, sin embargo, necesitamos que tener diferentes lentes para ver

Si utilizamos lentes que sólo muestran el faxinal como espacio de producción, vamos a encontrar unas pocas comunidades que mismo estructuras tienen dificultades para buscar salidas para su mantenimiento como una comunidad, debido al avance del mercado de la tierra y los productos en la comunidad de faxinal.

Sustituimos estas lentes, podemos ver el faxinal desde los sujetos faxinalenses. Por la cual vemos una cultura de siglos, transmitida de

Faxinal, creador comunitario, creador común, potero y manguerón. Algunas de las formas que identifican las prácticas comunitarias de la vida en muchas comunidades del campo presentes en el Paraná, Santa Catarina y Sur de São Paulo.

La siega, el mantenimiento de las cercas de varejón, los cultivos, la extracción de la yerba mate y el piñón son algunas de las actividades vivas en la cultura faxinalense " puxirões ", que movilizan el barrio para trabajar, la organización comunitaria, oraciones y fiestas movidas por una gran devoción en el popular santo, San Juan María.

La primera curiosidad y preocupación cuando se nos hablan del faxinal, es saber lo que es.

¿El Porqué del Faxinal?

Desde cierto punto de vista, es común escuchar de los residentes que faxinal es una tradición, una costumbre que proviene de los abuelos, bisabuelos y tatarabuelos. Una manera de vivir en el campo, " viene allá de los antiguos ". " El hábito de la cría de animales sueltos, haciendo el huerto alrededor de la casa y la agricultura en lugares separados fuera del alcance de los animales.

Otros miraron para el faxinal como un lugar, un paisaje y la dinámica de la producción. Como sistema de producción, "sistema Faxinal " (Chang, 1985), en busca de que se construyó este modo productivo intentando predecir, mediante el análisis de sus relaciones sociales, ambientales y económicas de su desaparición.

Es importante destacar que el hecho de la construcción del conocimiento es muy importante para la dinámica de los pueblos faxinalenses, para reclamar su existencia y el reconocimiento social.

Este conocimiento debe ser construido como una forma de valorar esta forma de vida en el campo. El conocimiento construido con faxinalenses, no para los faxinalenses.

Tal vez en este método encontramos la excusa utilizada por muchos para discutir únicamente el faxinal desde el lugar, del paisaje, del sistema faxinal, pues en ellos difícilmente los sujetos son parte, quedando más fácil predecir el fin de estas comunidades, su contaminación, el impacto ambiental causado por su forma de ser.

Pero para entender la dinámica de estas comunidades de faxinales debe estar abierto a escuchar, no intentar reproducir modelos. Escuchar ... comprender las relaciones establecidas a nivel local, las cosechas cultivadas, oraciones y fiestas que se celebran, el dolor sufrido, los días de trabajo cambiados los " puxirões " y "grupos " realizados. ¡Por lo tanto, conociendo el faxinal, por los propios faxinalenses!

Presentación

El Departamento de Pedagogía de la Universidad Centro-Oeste - Unicentro, a través de la Coordinación de Educación del Campo y el Grupo de Investigación de Campo, Movimientos Sociales y Educación Rural (MovEccampo), le presenta al lector, el Cuaderno Pedagógico III "Historias Faxinalenses", que reúne la producción literaria desarrollada en nuestros trabajos de docencia, investigación y extensión en el contexto del campo, de la educación del campo y los movimientos sociales. La producción tiene como objetivo **contribuir** con la composición de las bibliotecas de las escuelas del campo superando la idea de que la escritura de la literatura es trabajo sólo de "escritores", pero también "de personas que escriben - escritores". La misma hard el ejercicio para **formar** educadores que escriban y pongan su escritura en movimiento. Aunque parezca extraño ese objetivo, él debe ser establecido y seguido para que el cuadro de analfabetismo funcional entre los educadores sea enfrentado.

Escribir y publicar con campesinos, obreros y trabajadores del campo, su diversidad de estilos de vida, cultura y lucha será la marca de la colección, que en cada edición traerá un grupo de sujetos en este contexto. Por último, pero no menos importante, tiene como finalidad **crear o desarrollar** la cultura escrita en el campo, para o en las bibliotecas escolares, públicas, académicas y de otro tipo, se pueda leer de manera crítica y generar nuevos escritos.

En este trabajo en especial presentamos el **Faxinal** como una de las formas de vida en el campo paranaense y los **faxinalenses**, muchas veces invisibilizados, pero que existen, resisten y luchan en el campo. Las Historias Faxinalenses, con marcas de cuento, caso, se convirtió en el género discursivo elegido por las personas que escribieron para contarles un poco acerca de esta forma de vida.

Este volumen resulta de una colaboración entre los Departamentos de Pedagogía y Letras, que, en la Licenciatura en Educación del campo, clase Campo en Movimiento, desarrollaron acciones combinadas, estudios teóricos en la asignatura de literatura brasileña I; visita al Faxinal de los Riberos, en la Municipalidad de Pinón - Paraná, producción escrita de los cuentos como una forma de sistematizar y desarrollar a esta comunidad los conocimientos aprendidos en forma de libro.

El ahora está en sus manos para ser leído. Buena lectura.

ÍNDICE

Presentación

página 07	Prólogo (José Carlos Vandrésen)
página 09	Reliquias de la Muerte (Charles Vieira)
página 13	Premisas de un sueño (Débora Duarte)
página 17	Luchas enfrentadas por la vida (Denise Terres Moreira)
página 19	El misterio del "dormitorio cuatro" (Elida Aparecida Bortoluzzi)
página 23	Libertad Faxinalense (Eduardo Maciel Ferreira)
página 25	Pie de yerba mate (Jaqueline Boeno D`Avila)
página 27	Vida en los faxinales (Mirian Maria Kunrath)
página 31	Un tiro, un grito, un susto... (Renan W. R. de Lima)
página 35	Sueño tolo (Silvana Gomes Lima)
página 39	Por la libertad de los faxinalenses (Soniamar Lara de Lima)
página 41	El árbol de la muerte (Zélia S. Gavlik)
página 43	

Organización

Marcos Gehrke
Thalitta Corrêa Volupca
Eduardo Maciel Ferreira

Consejo Editorial

Mariene Lucia Siebert Sapelli
Marcos Gehrke
Ademir Nunes Gonçalves
Valdirene Manduca de Moraes

Traducción

Déris Warmuth
Taciána Bahis
Eduardo Maciel Ferreira

Cubierta

Eduardo Maciel Ferreira
Sofia Prado

Autores

Charles Vieira
Débora Duarte
Denise Terres Moreira
Elida Aparecida Bortoluzzi
Eduardo Maciel Ferreira
Jaqueline Boeno D'Ávila
Mirian Maria Kunrath
Renan W. R. de Lima
Silvana Gomes Lima
Soniamar Lara de Lima
Zélia S. Gavlik

Periodicidad

Anual

UNICENTRO/GUARAPUAYA
2018

HISTORIAS FAXINALENSES

CUADERNO DE EDUCACIÓN DEL CAMPO - VOLUMEN 3